

feguesfeguesfegues

Luciano Oliveira



SEJUCEL
Superintendência Estadual da
Juventude, Cultura, Esporte e Lazer



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO





¡Feques!

Luciano Oliveira

Copyright © 2021 – Todos os direitos reservados. Venda proibida.

Capa: Luís Gustavo Aldunate

Ol41f Oliveira, Luciano Flávio

Fegues / Luciano Flávio de Oliviera – São Carlos, 2021.

134 p.

ISBN – 978-65-5668-032-3

DOI – <http://dx.doi.org/10.26626/978-65-5668-032-3.2021B0001>

1. Arte Cênica. 2. Teatro. 3. Construção Poética. 4. Arte. Org. II. Título.

CDD 792

Contatos do autor

Luciano Oliveira

E-mail: luciano.oliveira@unir

Celular: 69 992682800

Site: www.lucianodiretor.com

Facebook: Luciano Flávio de Oliveira



SEJUCEL
Superintendência Estadual da
Juventude, Cultura, Esporte e Lazer



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA **MINISTÉRIO DO
TURISMO**



Rua Juca Sabino, 21 – São Carlos, SP – (16) 9 9285-3689   – www.editorascienza.com.br – e-mail: gustavo@editorascienza.com

Sobre o autor



Luciano Oliveira, ator, encenador, produtor e professor do Curso de Licenciatura em Teatro da UNIR. É doutor e mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina, especialista em História da Cultura e da Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais e bacharel em Direção Teatral pela Universidade Federal de Ouro Preto. Em Porto Velho, onde vive desde 2014, é o diretor da Trupe dos Conspiradores, que montou, em 2018, o espetáculo Inimigos do Povo. Em 2021 completa 25 anos de vivências teatrais, tendo produzido e dirigido diversos espetáculos em Minas Gerais e em Rondônia. É autor dos livros "Eid Ribeiro e o Armatrix em Processo: o objeto flutuante entre a poética e a estética teatral" (publicado pela Editora Scienza, em 2017), "Representações Culturais no Giramundo Teatro de Bonecos" (publicado pela Novas Edições Acadêmicas, também em 2017) e do capítulo "Encenar e atuar como processo de aprendizagem e de autonomia no teatro" constante no livro Paky'Op: experiências,



iFegues!

travessias, práxis cênica e docência em Teatro (no prelo pela EDUFRO – Editora da Universidade Federal de Rondônia). Academicamente, escreveu e publicou ainda inúmeros artigos científicos. Na área dramaturgica, foi autor de Moinho Remoçante (2004), de O Casamento de Mané com Encalhada ou A Encalhada e o Covardão (2002); foi dramaturgista em Até tu, Bruta? (2013), Cidade Maldita (2011) e Uai, pode? (2011); foi membro da equipe de adaptação do texto Inimigos do Povo (2017); e adaptador de Menina Bonita do Laço de Fita & Outras Histórias (2012), de O Despertar da Primavera (2004), de As Mãos de Eurídice (2003), de A Ida ao Teatro (2002) e de O Boi e o Burro a Caminho de Belém (2002), dentre outros. Também escreve críticas teatrais e crônicas em seu blog (www.lucianodiretor.com). Na área de audiovisual, escreveu o roteiro do filme/documentário "Rondônia: um estado de delícias culinárias".



iFegues!

Apresentação

Há um brilho de faca
Onde o amor vier
E ninguém tem o mapa
Da alma da mulher

Ninguém sai com o coração sem sangrar
Ao tentar revelar
Um ser maravilhoso
Entre a serpente e a estrela

Zé Ramalho



iFegues!

Fegues traz as dores do universo LGBTQIA+

A perda da inocência e da alegria infantil como o triste saldo de violências inexplicáveis; a relação dúbia com a figura paterna; o conflito feroz com a moral cristã; a culpa enterrada no mais fundo da alma e trazida à tona pelo fantasma da AIDS; a identidade humana, só encontrada em lugares distantes da terra natal... Traz também o contraponto irônico do vocabulário *gay* que, por trás da aparente comicidade e da navalha das línguas, revela uma extrema amargura que se volta para dentro de si e dxs iguais, talvez porque não possa voltar-se para o mundo "externo" sem ter que pagar – *uma vez mais* – o alto preço da rejeição.

Fegues expõe intimidades de um território complexo, cujas imagens são frequentemente distorcidas em estereótipos de engraçada morbidez. Então, por que eu, mulher, heterossexual, descubro algo de mim refletido em tais imagens? O que teriam a ver comigo, dada a minha condição, todo esse espanto, indignação, solidão, humilhação, o grito de socorro preso na garganta? Eu, que jamais fui chamada por qualquer um daqueles adjetivos torpes desferidos pelas vozes do preconceito? Ainda assim, carrego o mais legítimo sentimento de pertencer a essa parcela da humanidade que se autodenomina "fegue", "bicha", "mona", "poc", "bill" ou "baitola", dentre outras melancólicas ironias.



iFegues!

Penso, ou percebo, ou sinto, ou suponho, na tentativa de encontrar uma resposta, que as narrativas pessoais dessas "fegues", em sua cruel naturalidade, denunciem talvez algumas das inúmeras brutalidades vividas *desde sempre* por mulheres de todos os tempos e lugares. Violências que, até pouco tempo, eram ignoradas (consciente ou inconscientemente) pelas mais distintas sociedades – mesmo aquelas consideradas portadoras dos mais altos valores morais e culturais da humanidade – colocando a público, com frequência jornalística, assuntos historicamente restritos à esfera privada. É no sacrossanto espaço do lar que são engendradas as primeiras relações conflituosas entre homens e mulheres, nem sempre orientadas por valores morais tão elevados quanto tais sociedades atribuem a si mesmas. E tem sido assim por séculos e séculos, até que essas outras mulheres, construídas pela força de sua determinação e não de sua condição biológica, resolveram tirar do armário esses monstros ocultos nos lares, arrastando-os para a luz do dia, à vista de todos!

No fundo, trata-se de um tema bastante antigo, que atravessa a História e se coloca ainda hoje com espantosa cotidianidade: o poder com que mais fortes (ou em maior número) são capazes de impor a alguém que se encontra em situação mais vulnerável (seja por idade, força física ou circunstância). Ações de caráter sexual (e cultural, diga-se de passagem), violentamente opressivas como assédio, estupro, *bulling*, agressão verbal



iFegues!

e física, e tantas outras formas de abuso que uma parcela inacreditável de mulheres do mundo inteiro sofre, desde a mais tenra infância. E isto, com o silêncio conivente das sociedades, cujos discursos de legitimidade são, ainda, majoritariamente masculinos e heteronormativos.

Tudo isso já é amplamente conhecido. Mas, podemos tentar mergulhar um pouco (ou bastante) mais fundo e buscar, no texto de Luciano Oliveira, indícios de um drama coletivo, impessoal, que não diz respeito apenas a homens – homossexuais, jovens, nascidos em famílias socialmente conservadoras, desfavorecidas e em cidades do interior – mas a todos nós, seres humanos. Homens e mulheres cuja rica vida interior (poderíamos dizer, com Jung: do Inconsciente Coletivo) contém não apenas elementos de seu próprio sexo, mas de ambos, arquetipicamente entrelaçados numa eterna dança cósmica. De que outro modo poderíamos ter empatia por esse Outro que abriga na alma um ser tão diferente e ao mesmo tempo, tão semelhante, naquilo que é comum a todos os seres humanos – dor, fome, desejo, sonhos, amor?

Quando um homem oprime, humilha, espanca ou simplesmente, *mata* uma mulher – seja, esta, nascida mulher por fenômeno biológico ou por escolha própria – o faz contra si mesmo, contra a mulher que habita seu próprio ser, pois aprendeu a negar e temer essa parte desconhecida de si, simultaneamente



iFegues!

e paradoxalmente, tão frágil e tão poderosa. A Mulher, enquanto arquétipo maior da energia feminina, é inatingível para ele. E inatingível também para *ela*, aquela mulher biológica cuja vida não é mais do que o mero reflexo da vontade masculina. Difícil tarefa, a de resgatá-la. A todo instante e por todos os modos possíveis, é preciso buscar meios de ressuscitar a Mulher interior, assassinada todos os dias pelo ressentimento daqueles seres de alma aleijada. E o teatro é um desses meios.

Assim, *Fegues* é desconfortável. Para todxs nós, homos ou héteros. Por denunciar novamente a mesma e sempre igual denúncia, feita mil vezes sobre esse tema igualmente ignorado também mil vezes e nos fazer sentir impotentes e sem respostas diante desse problema avassalador. Por revelar com detalhes os bastidores do universo LGBTQIA+ e seu dialeto de gírias ácidas cuja intimidade entre iguais faz, de xingamentos, curiosas demonstrações de afeto. Por não trazer o "humor" óbvio que veladamente se espera encontrar num universo automeado *gay* ("feliz"), do qual nos tornamos subitamente partícipes. Por não trazer soluções mágicas, costuradas no tecido de algum dramaturgismo habilmente pensado para não desagradar. Não. *Fegues* pretende incomodar, sem trazer *happy end* de "princeso" nem falsas esperanças num suposto futuro de



iFegues!

igualdade entre os gêneros. Finaliza, simplesmente, com os sonhos de cada um. Sonhos que merecem ser sonhados.

Será preciso muita coragem para realizar uma montagem teatral a partir de *Fegues*. Sobretudo nos dias de hoje, em que a homofobia ganhou em nosso país a repentina e desconcertante adesão de um número, até bem pouco tempo atrás inimaginável, de "seguidores". Mas, ao que parece, não faltará valentia a esse elenco, disposto a revelar a sua fragilidade num raro momento de *compartilhamento do eu* com o público, por meio de depoimentos autobiográficos expostos tal como a carne viva de uma ferida. Não será justamente essa, a sua grande, imensa, incomensurável força?

Jussara Trindade

Porto Velho, 19 de fevereiro de 2021



iFegues!

Introdução e Agradecimentos

Fegues, aportuguesamento da palavra inglesa *fags* – traduzido em nossa língua como bichas –, segue uma linha dramática contemporânea que o pesquisador Daniel Furtado, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), chama de “dramaturgias do real e depoimento autobiográfico: compartilhamento do eu”. A trama textual ocorre em Porto Velho, Rondônia (RO), e traz, em síntese, texto-denúncia sobre homofobia, bem como sobre diversos tipos de violência que nós, indivíduos homoafetivos, sofremos cotidianamente.

O desejo de escrever este texto surgiu após eu assistir, em dezembro de 2020, ao filme *The Boys in the Band*, dirigido por Joe Mantello e escrito por Mart Crowley, baseado em sua peça teatral homônima de 1968.

Aproveitando a abertura de editais da Lei Aldir Blanc, decidi submeter o projeto “Criação, publicação e lançamento do texto teatral ‘Fegues’” ao Edital nº 83/2020/SEJUCCEL-CODEX – 1ª Edição Alejandro Bedotti do Edital de Chamamento Público de Fomento à Cultura para Pesquisa e Desenvolvimento de Expressões



iFegues!

Culturais – da Superintendência Estadual da Juventude, Cultura, Esporte e Lazer (SEJUCEL) do Governo de Estado de Rondônia.

Aprovado o projeto, ainda no mês de dezembro, comecei a realizar, de forma remota, entrevistas com cinco artistas fegues residentes na capital rondoniense. Cada um (a, x) delxs escolheu um acontecimento marcante de suas vidas para me contar. A partir dessas narrações, usando ferramentas dramatúrgicas de ficcionalização, escrevi o que chamo nas rubricas de depoimentos. Ao todo, são seis depoimentos retratados no texto, haja vista eu também ter ficcionalizado algumas histórias minhas.

Além disso, instiguei xs artistas, via grupo de WhatsApp, a responderem perguntas disparadoras de ações e imagens cênicas como, por exemplo, "o que nós, enquanto fegues que sofremos inúmeros abusos ao longo da vida, desejamos para o futuro?". A partir das respostas dadas eu ia tecendo a dramaturgia.

Conhecer parte da história de vida dxs cinco atorxs entrevistadxs foi crucial para as escolhas dramatúrgicas que eu fiz, assim como para as definições estéticas tomadas ao longo do texto. Importa mencionar que algxns dxs atorxs que emprestaram suas vozes às personagens, além de serem mexs amigxs, são também mexs alunxs no Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E um é o



iFegues!

meu companheiro de vida. Num futuro não muito distante, após passada a pandemia de COVID-19, e depois que todos nós estivermos vacinados, pretendemos montar Fegues. Almejo, já na sala de ensaio, aprofundar questões dramatúrgicas que só a prática cênica diária nos permite observar. Então, o texto Fegues, para ser completamente finalizado, carece dos improvisos e das experimentações feitas no presente da experiência teatral. Logo, a dramaturgia de gabinete, nesse caso distante da vivência no ensaio, tornar-se-á dramaturgismo dentro de um processo colaborativo de criação.

Para criar arte eu preciso consumir arte, bem como pesquisar linguagens artísticas e obras acadêmicas, como artigos científicos. Em Fegues, além das ficcionalizações de histórias e acontecimentos das nossas vidas, ocorreram também inspirações oriundas de filmes (como Hoje eu quero voltar sozinho e Uivo), de documentários (como Carta para além dos Muros e *The Boys in The Band. Something Personal*), de séries (tais como Crônicas de São Francisco, *Pose* e *Please Like Me*) e de obras literárias (como Fabián e o Caos, Stella Manhattan, Uivo e E se eu fosse pura/puta). Todas essas referências têm como temática o universo LGBTQIA+.



iFegues!

Fegues foi concebido em Rondônia, mas gestado em Minas Gerais, à luz das recordações que tive ao hospedar-me na casa da minha mãe, e do meu finado pai, em João Monlevade, durante as minhas férias, em janeiro de 2021. Eu escrevia durante o dia e durante a tarde. À noite, após caminhadas realizadas em distintas ruas do bairro onde morei até completar vinte anos, eu lia livros e assistia a diferentes criações audiovisuais. As ruas e espaços visitados, inclusive a escola onde eu estudei da 5ª série do Ensino Fundamental ao 4º ano do Curso Técnico em Química, despertaram em mim sensações e lembranças variadas. Algumas delas inspiraram cenas inteiras do presente texto.

Enfim, para encerrar esses breves escritos, gostaria imensamente de agradecer à todos, todas e todxs que contribuíram para que Fegues chegasse até o leitor: aos amadxs artistas de teatro de Rondônia que deram seus preciosos depoimentos, responderam às perguntas realizadas no Grupo de WhatsApp e que acompanharam de perto a escrita do texto, fazendo apontamentos e sugerindo adequações para as personagens; à toda equipe técnica do projeto aprovado na Lei Aldir Blanc, em especial a Dennis Weber (assessor de imprensa), Luís Gustavo Aldunate (publicitário e ilustrador) e Gustavo Kaimoti (da Editora Scienza, responsável pela diagramação do e-book); ao time da SEJUCEL, de modo singular à Valéria Barbosa



iFegues!

(Val) que, com muita paciência e profissionalismo, me orientou sobre os meandros do Edital nº83/2020/SEJUCCEL-CODEX; à professora e amiga Jussara Trindade, da UNIR, que mesmo sofrendo com dores redigiu uma belíssima apresentação; à minha adorada mãe Joana Darque, ouvinte atenta e paciente das minhas insistentes leituras, e que cuidou de mim como se eu fosse uma criança solitária em manhã cinza de inverno; ao amigo Rogério Oliveira, orientador eterno, que, mesmo correndo riscos pandêmicos, me recebeu em seu apartamento em Belo Horizonte para trocas intelectuais e artísticas sobre Fegues e outras criações; aos atorxs da Trupe dos Conspiradores que me presentearam com seus talentos durante a leitura dramatizada de Fegues; e ao amor da minha vida, Ádamo Teixeira, pelo apoio incondicional e por ser inspiração artística e estética de todos os meus dias nos últimos cinco anos.



iFegues!

Sumário

Sinopse	19	Começa o Ensaio nº 24	27
Personagens – Figuras	20	Ato II	27
Renato.....	20	Cena IV – Homenagem às fegues mortas pela Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).....	27
Caio Fernando.....	21	Cena V – Terror em família: Parte 1.....	40
Nêgo.....	22	Cena VI – O sonho de Belx.....	40
Belx.....	23	Cena VII – "Quando eu soltar a minha voz, por favor, entenda: eu tenho o direito de existir".....	42
Diamond.....	24	Cena VIII – Bullying e homofobia na escola.....	52
Flávio.....	25		
iFegues!	26		



iFegues!

Fim do Ato II	55	90° Dia de Ensaio	87
1º dia de ensaio	56	Ato VII	87
Ato I	56	Cena I – Eu era cego e não sabia!	87
Cena I – Minha vida não é nenhuma piada!	56	Cena VIII – Como elevar os conflitos entre as personagens?	112
Cena IV – Terror em família: Parte 2	68	Último Dia de Ensaio	122
Cena VI – As fegues cantam um rap com indignação e exigem respeito, pois também precisam de amor	69	Ato X	122
Volta à Cena II – O tricô de Caio Fernando	72	Cena IX – Terror em família: parte final	122
Cena III – “Eu era apenas uma criança. E o senhor dizia que me amava”	74	Cena X – Contemporary dance	124
Ato V	75	Cena XI – Eu posso ser o que quiser. Ou o desejo de um futuro de equidade	126
80º dia de ensaio	75	Anexo	131
Cena VII – Ser feminina não é pra qualquer uma!	75		
Cena VIII – Terror em família: Parte 3	86		



iFegues!

Sinopse

Um grupo de seis artistas "fegues" (bichas) – Renato, Caio Fernando, Nêgo, Belx, Diamond e Flávio – tentam criar, sem muito sucesso, uma dramaturgia coletiva de um espetáculo teatral realista contemporâneo, de temática LGBTQIA+. Entre cenas descontraídas e coloridas, canções, danças, lembranças tristes e improvisações, um jogo polêmico, proposto pelo ator e diretor Flávio, cria tensões entre o elenco, fazendo surgir fantasmas do passado, recordações desagradáveis e ciúmes; colocando em xeque um grupo de teatro com poética e estética já em vias de consolidação. Até que ponto o profissionalismo, a confiança e o respeito resistem?



iFegues!

Personagens – Figuras

Renato

Ator e publicitário mestiço de 45 anos. Nasceu em Porto Velho, Rondônia. Durante sua infância foi violentado sexualmente pelo pai. Por anos a fio foi agredido fisicamente por ele, sem nenhuma intervenção da mãe e dos irmãos. Tornou-se policial militar. Por esse motivo manteve, por muito tempo, sua identidade sexual trancada a sete chaves, no armário da desilusão. Casou-se. Após a morte do cônjuge, vítima de um ataque cardíaco, entregou o atestado de óbito do grande amor da sua vida à PM. Foi aí que começaram as perseguições homofóbicas e acentuaram-se os problemas psiquiátricos, como a Síndrome de Burnout.



iFegues!



Caio Fernando

Ator e jornalista branco de 30 anos, nascido numa pequena cidade do interior de Rondônia. Leitor voraz. Quando criança sofreu um grave acidente de bicicleta, o que o deixou com uma seqüela no braço esquerdo. Casou-se. Sofreu agressões físicas do marido possessivo e ciumento que, inclusive, tentou matá-lo. Mudou-se para a capital, onde tornou-se funcionário público de uma respeitada instituição federal.



iFegues!

Nêgo

Ator e cantor negro de 34 anos. Nasceu no Maranhão, sendo filho de mãe conservadora e cristã. É pobre e periférico. "Fegue" preta afeminada, como ele mesmo escreve em suas redes sociais. Todo "trabalhado" no pajubá. Tem grande talento musical. Sonha em ser um intérprete de renome. Busca suas origens afrobrasileiras na música e no viver. Já foi vítima de agressões homofóbicas e sofreu ataques racistas em seu *Facebook*.



iFegues!



Belx

Ator/atriz de 24 anos. Mestiçx, de Porto Velho, tem fortes traços indígenas. Filhix de uma família amorosa e compreensiva. Estudante de teatro. Atualmente, considera-se não-binário, apesar de ter tomado hormônios por alguns meses para tentar transição de gênero. O que elx mais gosta é de se sentir feminina, mas não tem nenhum compromisso ou vaidade com isso. Busca espaço no mercado artístico da capital como ator/atriz, performer e artista audiovisual. Sonha em ser *Drag Queen* e arrasar nos principais palcos feques de São Paulo e Rio de Janeiro.



Diamond

Enfermeiro e ator de 35 anos, nascido no interior do Ceará. Simpático, tímido e observador, gosta de dançar e de se divertir com os amigos. Estudava Enfermagem quando se apaixonou por um colega de curso. Casou-se com ele. Mas, lamentavelmente, quis o destino separá-lo do primeiro grande amor da sua vida. A AIDS interrompeu sua felicidade, matando, em poucos meses, o seu companheiro. Superado o luto, casou-se novamente. Mas o príncipe com quem se casara logo se tornou um sapo: possessivo, ciumento e violento. Durante o processo de separação conheceu Flávio, com quem está casado há quase cinco anos.





Flávio

Ator e diretor branco de 40 anos, nascido no interior de Minas Gerais. Nono filho de um casal pobre e com pouca instrução, mas honesto e trabalhador. Durante sua infância sofreu *bullying* por ser gordo e afeminado; foi abusado sexualmente por um vizinho e era surrado com frequência por seus irmãos mais velhos. Estudioso, passou no vestibular e foi cursar Artes Cênicas em Ouro Preto. Entre 2005 e 2013 aventurou-se por Belo Horizonte, Florianópolis e São Paulo para fazer especialização, mestrado e doutorado. Em 2014 mudou-se para Porto Velho, pois foi aprovado em um concurso público, tornando-se professor universitário. Após algumas desilusões amorosas, conheceu Diamond. Casou-se com ele em 2016. Mesmo sendo portador de fibromialgia considera-se feliz por viver com o seu "Bebezinho" e com seus filhos: três gatos, um cachorro e um bocado de plantas.



iFegues!

- Dramaturgia contemporânea – com narrativas do real e depoimentos autobiográficos.
- Local da ação: Em Porto Velho, Rondônia. Em uma sala de ensaio.
- Duração da ação: vários dias; inúmeros ensaios.
- Tempo: presente, mas com desejos de um futuro melhor.



iFegues!

Começa o Ensaio nº 24

Ato II

Cena IV – Homenagem às feques mortas pela Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS)

Nêgo, uma feque preta, pobre, periférica e afeminada; “trabalhada” nos trajes afro-brasileiros, e com o rosto belamente pintado nas cores de um arco-íris do Zimbábue, está toda “destruidora” no centro da cena, atrás de um microfone com pedestal, e entoa uma canção mais ou menos alegre de carnaval, “**E se desfaz o colorido**”, em homenagem às feques mortas em decorrência da AIDS:



iFeques!

Nem só de flores é feita a vida
Têm espinhos as nossas rosas
E quando chega a primavera
Os dias frios vão embora
A luz surge no horizonte
Oh meu amor abra um sorriso
Por favor não vá embora
Porque aqui fica tão triste
E se desfaz o colorido
A nossa história nunca se acaba

Ficam as memórias do perfume
E os sabores do primeiro beijo
A alegria do domingo
Que recria o arco-íris
Oh meu amor não feche os olhos
Está tão cedo pra dormir
Vamos brincar mais um pouquinho
Festejar a madrugada
Brindar feliz com o nosso vinho



iFegues!

DIAMOND (Narrando fora do ritmo da música, que continua a ser executada, baixinho, ao fundo): Em janeiro de 2013, numa boate GLBTQIA+, num fatídico dia em que eu tomei um “boa noite cinderela”, conheci Cristiano, conhecido também como Cris, um homem branquinho, de olhos azuis e que já possuía entradas de calvície. (Risos). Ele tinha mais ou menos a minha altura, peso e idade. O sorriso dele era largo e fácil. A barba estava sempre por fazer. (Com saudosismo) Era lindo!

FLÁVIO (Entrando em cena um pouco nervoso; interrompe Diamond): Ei, ei, ei! Para tudo! Para tudo gente! Acenda a geral, por favor. (Aponta para as varas, avisando ao iluminador). Diamond, meu amor, você não está ouvindo a música. Ela está lá na frente e você lá atrás. Por favor, amplie sua escuta.

DIAMOND: Oxe, desculpe-me, baby, mas essa cena, emocionalmente, é muito difícil pra mim... Volto tudo de novo ou continuo de onde parei?

FLÁVIO (tentando estalar o pescoço): Continua. Mas abra os ouvidos, pô!

DIAMOND (Voltando à narração) Após algumas ficadas, em fevereiro, pouco mais de um mês e meio do dia em que nos conhecemos, decidimos morar juntos. Isso porque estávamos muito apaixonados. O que aconteceu



entre nós foi uma daquelas paixões avassaladoras. Coisa de romance do século XIX. Um amor sem medida. (Silêncio doloroso). (Mudando de assunto, com um sorriso sem graça). Cris cursava Enfermagem numa instituição privada diferente da minha. Eu também era estudante de Enfermagem numa faculdade particular. Cris conseguiu transferir-se para o mesmo centro universitário que eu. Porém, para uma turma diferente. Ao longo do semestre, as duas turmas acabaram sendo fundidas, porque houveram desistências de alguns colegas. (À parte) Coisa de universidade privada, que só visa o lucro, não é mesmo? Então, viramos colegas de turma. Essa foi a coisa boa da fusão! (Risos). Ficávamos nos observando durante as aulas. Era muito difícil me concentrar nas lições de patologia.

FLÁVIO (interrompendo, ansioso): Anatomia. Lições de anatomia.

DIAMOND (constrangido): Desculpe... Lições de anatomia. Mas eu só conseguia pensar na anatomia dele. (Faz um gesto ilustrativo, mostrando para o público as dimensões eróticas de Cristiano). Imaginar aquele corpo peludo e cheiroso por debaixo das peças de roupa... E no sabor dos seus beijos. (Tempo) Depois de quase um ano que estávamos morando juntos, notei que ele estava tossindo muito, que vivia gripado. Como ele me dizia que sempre fazia exames, no começo, não desconfiei de nada. Mas a gripe persistia. E vieram as febres incessantes, os calafrios.



Pensamos que pudesse ser pneumonia. Fomos ao médico e ele passou antibióticos pro Cris. Decidimos, então, fazer um *check up* geral. Fomos ao postinho do bairro, tiramos sangue, e tudo mais. Dias depois buscamos os resultados. O dele ainda não tinha ficado pronto. Não sei o que aconteceu. Simplesmente disseram que os exames de Cristiano não estavam finalizados. Acho que era porque queriam refazer o teste. Não sei. Só sei que peguei só o meu. A moça pediu para o Cris fazer o exame de novo, pois tinha “desviado”. Aí ele fez uma nova coleta e ficou esperando o prazo determinado. Enquanto isso, ele se tratava de pneumonia. Depois, fizemos um exame de Raio X e, realmente, foi constatada a pneumonia. Então, ele continuou tomando antibióticos; mas a coisa foi se agravando. Começaram a aparecer manchinhas arroxeadas no rosto, nos braços, nas costas e na barriga dele. Bem pequenininhas.

FLÁVIO (interrompendo, ansioso, novamente): Diamond, pô! Mudou totalmente o rumo da cena. Passamos de uma atmosfera para a outra: de uma mais alegre para uma mais melancólica. É preciso perceber isso e aplicar os sentidos e sensações atmosféricas em sua interpretação. Volte, por favor, em: “Começaram a aparecer manchinhas...”

DIAMOND (olhando para o diretor e esposo, com o “saco um pouco cheio”): Começaram a aparecer manchinhas arroxeadas no rosto, nos braços, nas costas e na barriga dele. Bem pequenininhas. (Volta-se para o público) Eu



achei isso esquisito e falei: – “Oxente, Cris, tô achando isso tudo muito estranho. Vamos consultar pra ver o que é isso!”. Nessa época eu trabalhava como empacotador num supermercado. Eu saía de casa às 6:00 da manhã. Mas, num dia, antes de ir pro trabalho, resolvi buscar o resultado do exame no posto de saúde. Cheguei lá e entreguei o papelzinho pra moça. Ela me perguntou o que eu era do Cristiano. Eu disse que era o companheiro dele. Então ela me entregou e eu, enquanto me dirigia ao ponto de ônibus pra ir pro trabalho, resolvi abrir o exame. (Faz um gesto de abrir o envelope. Assusta-se com o resultado. Fica desesperado, sem saber o que fazer. Enquanto isso, entra um trecho da música “E se desfaz o colorido”).

Nem só de flores é feita a vida
Têm espinhos as nossas rosas
E quando chega a primavera
Os dias frios vão embora

DIAMOND (continuando, acalmado-se. A música cessa): Após me acalmar um pouco liguei para a supervisora do supermercado e avisei que eu não tinha condições de ir pro trabalho. Fui pra casa e contei pro Cris que ele



tinha dado positivo. (Pausa dramática) Ele chorou muito e disse que não entendia o porquê do resultado, pois sempre tinha dado negativo. No dia seguinte, voltamos ao postinho para ele fazer a contraprova. Eu também fiz de novo o exame. O meu deu negativo, ufa!, e o dele confirmou o resultado positivo. Foi muito triste. (Tempo. Respirando forte, esperançoso e falando um pouco mais rápido) Combinamos de não contar pra ninguém e iniciamos o tratamento. Fomos a um hospital especializado nos consultar com um infectologista. Eu também precisei fazer acompanhamento por muito tempo: um ano e seis meses, mais precisamente, por causa da janela imunológica. (Tempo) Os seis meses seguintes foram um inferno! Foi uma barra muito pesada pra nós dois. Passamos por tudo praticamente sozinhos. (Tempo). Fizemos o cadastro dele no SUS pra recebermos as medicações gratuitamente. De dois em dois meses eu precisava fazer exames. Era uma tortura esperar os resultados para ver se eu era ou não soroposito. Uma angústia! Até hoje sinto essa pressão no peito. Um nó na garganta que não desata. (Ocorre um problema no andamento da música. Nêgo intervém).

NÊGO (rindo): Êpa babá! Qual o “bofe” ou “amapô” errou o andamento da música aí?

DIAMOND (continuando, mas um pouco atrapalhado com o andamento musical que vai mudando): Até hoje, passados seis anos, eu continuo negativado. Graças a deus! Mesmo assim eu sinto medo! (Tempo) Aqueles



pontinhos roxos que surgiram no corpo do Cris eram Sarcoma de kaposi, um câncer que resulta na formação de manchas ou nódulos na pele, gânglios linfáticos ou outros órgãos. (Puxa o ar com uma grande lufada). As erupções subcutâneas aumentaram rapidamente. E as medicações faziam o rosto dele inchar. Ele começou a ficar deprimido, pois era muito vaidoso. Não queria mais sair de casa. Não falava com ninguém. Não queria ver ninguém. Cris perdera aquele lindo sorriso e o brilho daqueles olhos intensamente azuis. (Tempo). O seu quadro de saúde, devido ao CA (câncer), foi ficando cada vez mais grave. E atacou fortemente o pulmão. Em pouco mais de um mês, após a descoberta do HIV e do câncer, Cris teve que ser internado pela primeira vez. Ele me pediu para avisar aos familiares dele que ia passar uns dias num sítio. Mas, após a internação, tivemos que contar pra mãe e pra uma prima dele, porque eu trabalhava o dia todo, e estudava a noite, e precisaríamos de alguém pra acompanhá-lo no hospital. À noite eu dormia com ele no hospital. No dia seguinte era o mesmo ritual: trabalho, faculdade e hospital. E assim foram por muitos dias. (Para. Pergunta ao diretor): – Tá bom desse jeito, diretor?

FLÁVIO (irritado, estalando os dedos doloridos): Tava ótimo, caramba! E você estragou a cena com essa interrupção. Eu estava quase chorando. Me emocionando mesmo. Mas... Diamond, meu amor, por favor, não pare se eu não pedir, ok?



DIAMOND: Tá bom, baby, desculpe! (Continuando a história) Cris só confiava em mim para cuidar dele. Ele dizia: – “Volta logo! Não demora!”. (Silêncio). Foi aí que decidi pedir demissão do trabalho para ficar com o Cris. E queria trancar a faculdade também. Mas Cristiano não deixou. Isso tudo foi em dezembro de 2013. Ele teve uma leve melhora e pode ir pra casa. Porém, ficou pouco tempo em nosso lar. Precisou ser internado de novo, porque estava ruim, com falta de ar. Como era final de ano, Natal e Réveillon, Cris pediu pra médica pra voltar pra casa, pra ficar comigo. Ela liberou. (Tempo). Nós gostávamos de festejar. Mas, nesse ano, não fizemos nada de especial. Parecia uma despedida! (Tempo) No Ano Novo ficamos só eu e o meu amor.

FLÁVIO (com ciúmes): O seu primeiro amor, né? Porque eu sou o atual. E, espero, o último. Então, é importante deixar isso claro pra todo mundo! (Aponta o dedo, com uma ameaça leve e colorida, para as outras feques. Todos riem).

DIAMOND (carinhoso): Oxente, prínceso, “tu” é o meu mais novo amor. Ficaremos juntos a vida toda. Não fique com ciúmes, por favor. (Dá um selinho em Flávio. Todos batem palma). (Continua a narrar a sua história com Cristiano). Eu e o Cris morávamos em uma casa de dois andares. Na laje do segundo piso, colocamos duas cadeiras,



uma do lado da outra, e ficamos assistindo aos fogos de Reveillon e olhando as estrelas. (Tempo. Emocionando-se. Volta a música baixinho) O meu amorzinho chorou e pediu desculpas por estarmos passando por tudo aquilo. Disse que, se eu quisesse, poderia ir embora. Respondi: – “Não, ‘tu’ é a minha vida!” (Tempo) Foi um final de ano muito triste! (Tempo) Em janeiro ele ficou internado por mais um mês, isolado. E eu segui minha rotina: trabalho, faculdade, hospital. (Com ironia) E, praticamente, todo mundo pensando que Cris estava num sítio, cuidando da sua avó. (Recompondo-se) Em fevereiro ele foi liberado pra ir pra casa de novo. Mas as plaquetas estavam bem baixas. O sarcoma não teve muita melhora. Ainda tomava antibióticos para o pulmão. Por isso, o retroviral não estava sendo usado. Pouco tempo depois, ele desenvolveu tuberculose (TB). (Tempo) E teve alergia ao antibiótico da TB. (Silêncio) Aí, o caso ficou mais grave. Ele inchou muito. Os olhos dele quase se fecharam. O tratamento foi interrompido. Passada a alergia, reiniciou o tratamento para TB com outro medicamento. Nova alergia. Mais inchaços. Pedimos um medicamento de fora da cidade, pois aqui não tinha. Esperamos fevereiro, março. E nada. Não podíamos entrar com o retroviral se não melhorasse a TB. O pulmão dele estava muito comprometido. Foi preciso colocá-lo no balão de oxigênio. Como ele também estudava enfermagem, e entendia o que estava acontecendo, foi se desesperando cada vez mais. A saturação caía dia a dia. O pobre coitado ficou com balão de oxigênio uns quinze...



vinte... vinte dias em março. No final, Cristiano não queria receber a visita de mais ninguém. Somente eu ficava com ele, pois já tinha deixado o meu emprego. Numa madrugada ele passou muito mal, com falta de ar, e precisou ir pra UTI. Cris não queria ir. Mas eu e o médico dele conseguimos convencê-lo, pois – “daria tudo certo, meu amor!” (Chorando) Só que ele não respondia ao oxigênio. E ficava sempre com muita falta de ar. Por isso, decidiram entubá-lo. Mas, antes de ser entubado, Cris pediu para conversar com o ex-marido (Pausa ciumenta)... e com uma tia dele, que era muito amiga nossa. Como o estado dele era grave, contamos pra família dele. Mas, ele não queria ver mais ninguém. Só o ex. (Outra pausa ciumenta) Ao ex ele pediu, em caso de sua morte, que era pra vender a casa e passar a parte dele pra mim. Não registramos nada em cartório e eu não tive direito a nada. No dia seguinte ele foi... ele ... foi... foi en-tu-ba-do. E nunca mais voltou. (Chora em soluços. Os demais atores começam a cantar a última estrofe da música “E se desfaz o colorido”). No dia 04 de abril de 2014, num sábado, o meu primeiro grande amor virou estrela e misturou o azul dos seus olhos com o anil do firmamento.

(Entram todas as personagens e o diretor cantando, agora em um volume maior, e abraçam Diamond, que continua a chorar no ombro de Flávio).



Oh meu amor não feche os olhos
Está tão cedo pra dormir
Vamos brincar mais um pouquinho
Festejar a madrugada
Brindar feliz com o nosso vinho

CAIO FERNANDO (Cético e tentando mudar de assunto): Eh.... gente, mas essa cena é muito deprimente, lacrimosa! Ela é mesmo necessária no nosso processo criativo? A música até que é interessante. Mas...

FLÁVIO (nervoso, dando uma volta com os ombros no sentido anti-horário): Claro que é necessária, Caio Fernando, pois ela tem um efeito cênico ultradramático. E será a cena de abertura do nosso espetáculo. Então, precisamos ganhar a plateia já de cara. (Tempo) O problema da cena, com todo respeito, meu amor, é a interpretação. (Diamond sai com raiva, batendo os pés. Silêncio constrangedor).



BELX (Com uma voz estranha, entre o masculino e o feminino, tentando quebrar o clima de constrangimento): E a cena também produz um efeito catártico no público. Olha como tem gente chorando! (Todos olham a plateia). Ou ninguém chorou? (Pergunta à plateia) Alguém aí foi às lágrimas? Se foi, please, levante a mãozinha “dereitcha” e faça este gesto (faz um movimento esquisito e engraçado). (Tempo).

RENATO (fungando e secando as lágrimas): Eu, particularmente, desde o primeiro ensaio, adoro essa passagem. Pelo menos em mim ela alcançou, como dizia Stanislávski, um importante diretor e professor de teatro russo, o superobjetivo da cena. Em respeito ao passado, à memória, precisamos contar as histórias das fegues que perderam a vida para a AIDS. Mesmo que isso doa na gente. (Tempo) Além do mais, acho que o Diamond está muito bem. Não consigo ver nenhum erro de atuação. Eu voto pra a cena ficar!

NÊGO (cantando): Eu também votoooooo. Essa cena é tudooooo. “Arrasou, bee”!

BELX: Me too, “mona”!

FLÁVIO (gargalhando): Ok, eu me rendo. A cena fica. Mas Diamond precisa melhorar. Principalmente o choro!



Cena V – Terror em família: Parte 1

FLÁVIO (Ansioso e tenso, num canto oposto do palco, sob uma luz vermelha, como se fosse um espectro nelsorodriguiano): Eu era criança de sete anos. O meu irmão Edilson pegou a fita métrica de costura da minha mãe e começou a me chicotear. Foram vários minutos de surra. Não senti mais que pequenas ardências na pele. A dor maior foi n'alma, por, naquele momento, não compreender a razão daquele ato infame.

Cena VI – O sonho de Belx

(Belx imagina que está realizando um show *drag* em uma boate famosa de São Paulo. Ela faz um *lip syncing* da música "A Lenda", da cantora travesti Linn da Quebrada. Enquanto performa, os demais atores, como *gogo boys*, realizam uma coreografia repleta de *swing* e de sungas brancas molhadas).



Vou te contar a lenda da bixa esquisita
Não sei se você acredita ela não é feia (nem bonita)
Mas eu vou te contar a lenda da bixa esquisita
Não sei se você acredita ela não é feia (nem bonita)
Ela sempre desejou ter uma vida tão promissora
Desobedeceu seu pai, sua mãe, o estado, a professora
Ela jogou tudo pro alto
Deu a cara pra bater
Pois pra ser livre e feliz tem que ralar o cu, se fuder

De boba ela só tem a cara e o jeito de andar
Mas sabe que pra ter sucesso não basta apenas estudar
Estudar, estudar, estudar sem parar
Tão esperta essa bixona, não basta apenas estudar
Fraca de fisionomia, muito mais que abusada
Essa bixa é molotov, o bonde das rejeitadas
Eu tô bonita? ('Tá engraçada)
Eu não tô bonita? ('Tá engraçada)
Me arrumei tanto pra ser aplaudida...





Cena VII – “Quando eu soltar a minha voz, por favor, entenda: eu tenho o direito de existir”

(Do artigo Bichas Pretas Afeminadas: Do Silenciamento na Escola à Solidão na Vida, de Rosângela Hilário e Wilson Guilherme Dias Pereira).

NÊGO (contando-nos sobre os racismos e violências homofóbicas que já sofreu): Manas, tudo se resume à infância. Eu nasci no Maranhão e não tive pai. Ele largou a mim e à minha mãe quando eu ainda era um bebê de dois meses. Ele veio pra Rondônia para trabalhar no garimpo. E a minha mãe veio atrás, quando eu tinha entre oito ou nove meses. Ela não queria me criar sozinha. Isso pra mim é o primeiro trauma, porque cresci sem a figura paterna. Sem aquela segurança de um “ocó”, de um “bofe”.



RENATO (interrompendo): Mas quem é que disse que pra ter segurança em casa é preciso de um pai ou de uma figura masculina?

CAIO FERNANDO: Verdade, pois o pai pode ser um monstro... um... um... estuprador. (Tempo) Ou até mesmo um agressor de mulheres. Sei lá.

NÊGO (fazendo "carão" e "atacada"): "Queridas", essa história é toda minha. E eu improviso do jeito que quiser, ou kei (ok)? Pra mim, não ter uma figura paterna em casa, um homem, foi extremamente ruim. Ainda mais para uma criança "viada". (Recuperando a calma, retoma a narração) A "poc" que vos fala foi crescendo e, na escola, as pessoas já notavam que ela era diferente. Que era um pouco afeminada, "mona". Que a minha voz era um pouco diferente. Que o meu jeito de andar era muito... "poc"...

BELX (irônicx): Tudo "recalque"! (Estala os dedos).

NÊGO (variando entre o masculino e o feminino): Em minha cabeça isso tudo era muito errado, porque eu fui criado na igreja católica. Minha mãe me criou a ferro e fogo dentro da igreja, querendo me transformar num "bofe" escândalo. Fui sempre ensinada sobre a bíblia e conforme os princípios bíblicos. Minha mãe era catequista, líder de



catequese da igreja. Então, aquilo estava sempre enraizado em mim desde cedo. Pra mim, qualquer tipo de indício voltado à homossexualidade, ou a algo de “errado”, entre aspas, era um desespero. Era “uó”! Uma das coisas que foram super fatoriais pra isso é que eu fui abusado sexualmente duas vezes em minha infância. (Silêncio)

BELX (indignadx): Tô “passada”!

NÊGO: Pois é, “mona”. Eu tinha entre sete e oito anos... Por um vizinho mais velho que eu. Ele entrou lá em casa. Na realidade, pela inocência... eu era uma “Alice”!... acabei permitindo que ele entrasse. Então, o “demônio” me levou para o banheiro e me abusou sexualmente. Umas duas vezes. (Pausa dramática) Depois daquilo eu me tornei outra criança. Eu era alegre e virei uma criança extremamente cabisbaixa, com complexo de inferioridade. Uma criança que não conversava e que não sorria mais. Então, eu ia pra escola e meus coleguinhas me chamavam de... – além do racismo, né? – me chamavam de “viado”, de gay, de bananinha. E eu sempre ali sem responder, sem falar nada. (Tempo) Era o que ficava em mim. Às vezes, eu contava pra minha mãe e ela ia lá na escola e brigava pra me defender. Só que eu sempre sentia aquela culpa por ter sido abusado e não poder contar pra ninguém. Me veio uma culpa, uma coisa pesada que doía no peito. (Silêncio). Eu estudava numa escola “babadeira”



de padre, do padre Enzo, que era o Lar de Nazaré, na zona leste de Porto Velho. Lembro-me que para ir para essa escola eu tinha que subir uma ladeira.

BELX (interrompendo): “Mona”, por que a senhora não faz um gesto “babado” de ladeira? (Pensa) Tipo assim (faz um gesto): – “ladeira”!

NÊGO: Lembro-me que para ir para essa escola eu tinha que subir uma (faz o gesto “babado” que Belx ensinou)... ladeira. E todo santo dia tinha um carinha, mais uns outros carinhas sentados em frente à casa dele... uns “bofes najas”... todo santo dia eles falavam: – “Alá o viadinho passando. Alá o gayzinho!” Todo santo dia! (Pausa) Então, aquilo foi extremamente traumático pra mim, porque era algo ruim... um “tiro”. Eu me sentia extremamente excluída, extremamente pra baixo por causa daquilo. Aquelas palavras entravam em mim como uma faca, atingindo o meu mais íntimo sentimento. (Tempo) E essa dor foi ditando a minha personalidade. Então eu cresci uma adolescente “poc” cabisbaixa, sem falar muito e morria de medo de homens e de meninos. Medo de figuras paternas, de meninos maiores, principalmente dos brancos, malhadinhos, com beleza padrão. Ou seja: dos “bofes”. Eu tinha muito medo. Não gostava de ficar perto. Eu não praticava esportes justamente por causa



disso. Não gostava de jogar futebol, porque as pessoas me chamavam de “viado”, de preto “viadinho”, de nêgo gayzinho. Enquanto isso, a feminilidade estava aparecendo em mim. E eu, “aloka”, nem cogitava aceitar isso. Eu fui crescendo, fazendo cursos e entendendo mais sobre a adolescência e tal, e acabei me tornando um pouco mais extrovertido, bem mais extrovertido. Mas aquilo ainda martelava dentro de mim e eu me perguntava: – “Eu gosto de meninos ou de meninas? (Diamond interrompe e entra com um martelo em cena).

DIAMOND (entrando em cena): Pegue esse objeto. Quando você falar “martelava dentro de mim”, bata com o martelo três vezes no peito.

FLÁVIO (irritado): Na, ne, ni, na, não! Que história mais sem cabeça é essa de martelo, Diamond? Não atrapalhe a cena, caralho!

DIAMOND (triste): Oxe, mas não estamos trabalhando com criação coletiva? (Pausa rápida, não deixando Flávio responder) Então, eu tenho direito de sugerir alguma coisa. Até agora, e hoje é o nosso vigésimo quarto ensaio, nenhuma sugestão que eu dei foi experimentada em cena. Isso não é justo! Estou sendo desrespeitado profissionalmente.



FLÁVIO (irônico): Quando você der alguma boa sugestão, pode ter certeza que ela será experimentada. Continue, Nêgo. Volte ao momento do martelo, mas sem o objeto, please (Pega o martelo da mão de Nêgo).

NÊGO (exagerando no pajubá): Mas aquilo ainda martelava dentro de mim e eu me perguntava: – “Eu gosto de meninos ou de meninas? Do que eu gosto?” (Tempo) Por um tempo, “aloka” aqui achava que era bissexual. Mas, com o decorrer dos anos, a “atacada” percebeu que não era. Conforme fui criando independência, virando uma “destruidora”, comecei a me deparar com a homofobia dentro de casa. (Tempo) Eu servi muito tempo dentro da igreja e tinha a minha mãe em casa, extremamente religiosa, homofóbica. A criação dela foi muito diferente da de hoje. Então, qualquer indício de algum dia eu ser “poc” ela já tomava as medidas dela. E eram muito pesadas. Lembro-me que ela me ameaçava com faca ... vinha pra cima de mim... pra me cortar mesmo, pra me castigar. Fiquei “passada”! Um dia ela veio pra cima de mim com uma faca e a “poc” se protegeu com um travesseiro. (Faz uma ação tensa de proteger-se dos golpes) Ela ouvia um “babado” na igreja, tipo ... que eu tinha as mãos grandes e desmunhequava ... pegava a faca e me ameaçava assim: (Imitando a mãe) – “No dia que você for gay eu te mato e me mato junto! Eu não vou ter um filho gay!” Ela me colocava de joelhos, batia em minha cara, me dava tapas... e me fazia prometer que eu nunca seria gay, porque aquilo era um desgosto enorme pra



ela, desgosto para a família. E usava a religião como peso nas decisões dela em relação a isso. (Tempo) A minha adolescência foi extremamente culposa! Era uma dualidade enorme dentro dessa cabecinha (Joga o "picumã"). Vinha o pensamento de querer me matar, mas nunca cheguei às vias de fato, porque, talvez, eu não sei, o universo me salvou, os orixás me salvaram. (Olha para o horizonte) Eu tinha vontade de sumir por causa dessa culpa, desse peso. (Tempo) Eu me senti fortemente vigiada. Ela me vigiava muito em casa. Quando eu ia pra igreja... Ela ficava nessa neura, nessa loucura que eu não podia ser gay ... se alguma coisa acontecesse. Quanto à igreja, vou "gongar" agora: a homofobia era escancarada! Todo tempo alguém corrigia o meu jeito de andar. - "Você tá "viado" demais! Tá parecendo homossexual. Isso não é coisa de deus. Tem que pedir perdão. Ora pra pedir pra deus te curar!" Eu vivia sempre com medo das pessoas chegarem em mim e falarem do meu jeito. Eu sempre me corrigia quanto ao jeito de andar, de mover as mãos, de falar. Até em minha transição vocal mesmo eu sempre me corrigia para falar mais grave, pra não chamar a atenção das pessoas... "aloka". No trabalho também. Eu trabalhei desde cedo. Eu percebia os olhares no trabalho. (Com nojo) Risadas dos "bofes" escrotos. (Ouvem-se risadas graves nos bastidores) Eu trabalhava em uma emissora de TV local, um ambiente que tem muito hétero, da família tradicional brasileira. Aconteciam muitas risadas. (Ri desesperado) Mas aquilo não era tão forte quanto ao que eu passava dentro de casa. Até que a "mona" aqui foi embora bonita pra São Paulo.



Quando eu voltei, estava mais “trabalhada”, empoderada, assumida. Depois que eu entrei pro teatro, em Sampa, o teatro me trouxe pra fora de mim, me virando ao avesso. Foi uma porta de liberdade! Eu conheci pessoas que eram iguais a mim, que passaram por coisas semelhantes e que me ajudaram a me assumir de vez ... a me assumir feque pra todos. A comunicar quem eu era de verdade, a entender quem eu era. Voltei “pisando” de São Paulo. Mas fiz muita terapia pra poder perdoar muita coisa e me perdoar. (É interrompido por Caio Fernando).

CAIO FERNANDO (tentando ser intelectual): Nêgo, essa sua fala sobre o perdão soa deveras cristã. E o cristianismo, em sua vida, foi sempre um grande pesadelo. E, de certa forma, continua sendo, em especial, por causa da sua mãe. E por motivo também da nossa sociedade como um todo. Essa expressão, perdoar, parece-me, remete a um certo primitivismo humano e religioso... a uma era dominada por crenças sobrenaturais, por dragões, bruxas, elfos, ogros e pela extrema violência masculina. Quer dizer, um período nada racional da história da humanidade. Precisamos encontrar alguma palavra, ou um termo determinado, que expresse melhor essa ação psicológica que visa purgar as emoções.

NÊGO (não entendendo muita coisa do que foi dito): Oi? (Joga o “picumã”).



CAIO FERNANDO (professoral): Ao invés de perdoar, use permitir.

NÊGO (fazendo “carão”): Fiz muita terapia pra permitir muita coisa... pra me permitir. (Olhando pra Caio Fernando com um sorriso falso no rosto) Até que voltei pra Porto Velho... (Acaba o sorriso) E aí aconteceram muitas coisas. Só pra resumir um pouco... Em 2020 euzinha estava indo toda “destruidora” ao mercado. Já era tempo da pandemia de COVID-19. Quando eu estava subindo a rua, “pisando” em tudo e em todos, um cara “demônio”, mal encarado, passou por mim e me olhou da cabeça aos pés... Viu o meu jeito “poc” e, simplesmente, resolveu me agredir, me bater. Ele me deu um murro no rosto e eu, “passada”, caí no chão. (Silêncio. Ouvem-se choros) Na hora eu percebi que essa ação dele era pelo fato d’eu ser quem era, pelo jeito que eu estava vestido, pelo modo que eu estava andando. Era por motivo de ódio e homofobia. (Olha o público) Ele acabou indo embora, fugindo, tranquilamente, pois ninguém me ajudou. Eu pedi ajuda de dois “ocós”, aparentemente héteros, mas eles cagaram pra mim. Não falaram nada. (Tempo) Levantei a cabeça, peguei meu “aqué”, me “aquedei”, “liguei o pisca alerta”, fiz “carão” e fui ao mercado. Depois, voltei pra casa, arrasada e “atacada”. Lá, chorei o que tinha pra chorar. Chorei muito. Depois fui bonita fazer as denúncias e tomar as medidas judiciais que precisava tomar. (Tempo) Após a agressão eu fiquei com um pouco de medo de passar em frente a homens. Eu me assusto e,



“passada”, fico olhando pra trás, achando que alguém vai me bater, que alguém vai me espancar. Ainda mais nessa cidade, e no bairro que eu moro, que é um bairro “uó”. Na periferia, infelizmente, por falta de conhecimento, por falta de estudo, isso está atrelado à ignorância e ao preconceito. Mais recentemente, um pouco mais do meio do ano de 2020, aconteceu um ataque cibernético contra mim, no qual pessoas “uós” e cheias de “recalques”, entraram em minha página do Facebook, pegaram algumas fotos minhas, tiraram *prints* e começaram a me “gongar”, me chamando de diabo negro, de demônio, de “viado”. Disseram que nunca contratariam uma bicha preta. (Silêncio) Então, aí a gente entra na interseccionalidade da feque preta. E como eu me auto-intitulo feque preta afeminada, eles usaram justamente isso pra fazer os ataques contra mim. Justamente eu: (gritando) uma feque preta, “lacradora” e empoderada! (Tempo. Com calma, falando só no masculino) Hoje eu não me sinto tão afetado com essas coisas porque faço terapia e porque eu tenho uma noção de empoderamento e de liberdade muito grande. Dificilmente elas me abalam. Elas traumatizam, mas não me paralisam. Eu sou “vitaminado”, amor! (Encarando o público) Para concluir, eu digo pra você, homem branco, homofóbico e cidadão de bem: (Gritando a plenos pulmões) **“Quando eu soltar a minha voz, por favor, entenda: eu tenho o direito de existir”**.



iFegues!

Cena VIII – Bullying e homofobia na escola

FLÁVIO (sentindo dores na lombar, por causa da fibromialgia): Quero propor o seguinte problema cênico para Renato e Belx improvisarem: Renato, um menino do Ensino Fundamental, copiando o seu pai homofóbico, coage e agride fisicamente ao seu coleguinha de turma Belx.

- **Belx** (entrando em cena, como criança, desfila de modo afeminado): Inhaín, Renatinho!
- **RENATO** (Dirigindo-se à Belx, como uma criança valentona): – “Anda como homem! (Belx se ajeita) Fala como homem! (Belx raspa a garganta) Corra como homem! (Belx corre desajeitada) Grite como homem!



(Belx grita desesperada) Sofra como homem!”. (Renatinho tira um estojo de lápis da mochila e bate em Belx, até deixá-la desacordada).

NÊGO (entra em cena e lê do seu caderno de anotação): Um grupo de alunos do Ensino Médio obriga ao colega Caio Fernando, no vestiário masculino, a chupar e a foder com um pêsego, como se fosse uma vagina:

- **DIAMOND** (como um adolescente macho e viril): Ei, Caio, estão dizendo por aí que tu não é muito chegado em mulheres! (RENATO, BELX e FLÁVIO dão gargalhadas. Nêgo fica olhando à distância). Que não gosta de aranha, mas de cobra! (Os colegas continuam rindo). Que prefere salsicha a caqui! Linguiça a um bife a cavalo!
- **RENATO** (agindo como subalterno de “Diamond adolescente”): Que até virgem de boca é. (Todos riem e zombam de Caio, que se senta no chão e esconde o rosto entre as mãos. Nêgo continua a olhar de longe).
- **BELX** (adolescente afeminado): Seu covarde, seja homem como eu e assumo que é feque. (Puxa Caio pelo cabelo e o coloca de pé, em frente a Diamond. Flávio segura Caio pelo braço).



- **DIAMOND:** Então, como somos seus amigos... e amiga (aponta para Belx), vamos te ajudar a perder a virgindade. (Neste momento, Belx e Renato seguram Caio Fernando por trás. Flávio continua segurando-o pelo braço. Diamond pega um pêsego de sua mochila e obriga Caio a chupá-lo). Imagine que essa fruta seja uma buceta bem molhadinha... Uma xoxota bem gostosinha e perfumada... Bem succulenta! (Esfrega o pêsego no rosto de Caio, que chora. Os outros colegas riem com requintes de crueldade). Pense na Patrícia do 3º C.
- **RENATO e FLÁVIO:** Aquela loira gostosa pra cacete!
- **DIAMOND:** Vamos ver se o seu pau fica duro como o meu, ou se tu é feque mesmo, como todo mundo diz. (Renato e Belx tiram a bermuda e a cueca de Caio, deixando-o nu da cintura pra baixo, enquanto Flávio continua segurando-o pelo braço. Caio chora baixinho e resmunga palavras ininteligíveis. Diamond esfrega o pêsego no pênis de Caio). Come essa buceta, sua bicha! Fode essa xoxota, sua feque! (Bate o sinal, indicando o término do intervalo. Todos saem correndo e deixam Caio chorando no vestiário).



- **CAIO** (adolescente, chorando copiosamente): Meu deus, porque o senhor não me fez nascer homem como todo mundo? (Nêgo se aproxima e tenta abraçar Caio. Mas este o empurra, jogando o colega no chão. Em seguida, sai em silêncio).

Fim do Ato II



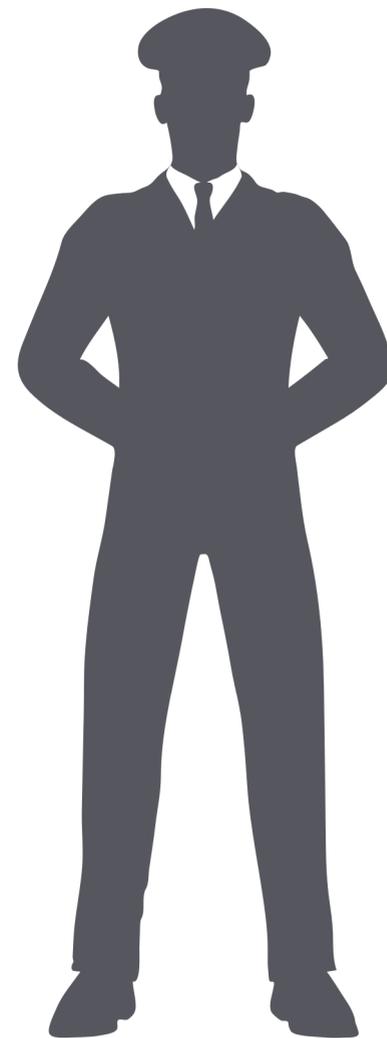
1º dia de ensaio

Ato I

Cena I – Minha vida não é nenhuma piada!

FLÁVIO (com seu caderno de direção nas mãos, agindo como um militar autoritário e arrogante): Atenção! Senhoras e senhores... Estamos começando o nosso processo criativo. Este não será um trabalho fácil, muito pelo contrário. É uma tarefa difícil, senhores! Doloroso, senhoras! Mas também pode ser muito prazeroso...

DIAMOND (empolgado com o começo do ensaio e com um pouco de malícia): Uhuuuu, vai ser muito pra - ze - ro - so! Adorooooo! (Todos, exceto Flávio, riem).



FLÁVIO (repreendendo violentamente o seu parceiro): Silêncioooo...!

DIAMOND: Oxe, desculpa, senhor!

FLÁVIO (dando um sermão, andando de forma militar): Como eu estava dizendo, teremos encontros muito complicados, psicologicamente extenuantes. Então, é o-bri-ga-tó-rio respeitar ao máximo tudo o que aqui for narrado, todos os depoimentos feitos, cada sentimento expressado. Esta não é uma missão nada fácil!

CAIO FERNANDO (professoral): Concordo em gênero, número e grau. Não podemos nos permitir fazer anedotas com os nossos companheiros e companheiras de cena. O teatro é uma arte sagrada, cujos princípios remontam a... (Sendo interrompido por Flávio).

FLÁVIO (como um militar arrogante de alta patente): Como EU estava dizendo, e EU sou o diretor aqui e não permito interrupções... (Longo silêncio, perdendo a memória por causa da fibromialgia) Hun... eh... ah. (Tempo) Merda, esqueci o que eu estava falando. Enfim, vamos começar. (Ordenando) Renato, vá até o espaço da cena e narre aquela história que você me contou há algum tempo. Mas... (pausa dramática) com riquezas de detalhes. Entendeu, soldado?



RENATO (Assumindo seu lugar na cena): Entendi. Sim, senhor! (Arruma sua roupa e começa o depoimento) Há oito anos eu adoeci. Por causa de diversos problemas psicológicos, pois eu sofria muito assédio moral. Muitas perseguições no trabalho. Na época, eu já tinha voltado pra Porto Velho, vindo de missões. Eu cheguei a perder mais de vinte quilos. Estava muito magro. Só ficava deitado. Então, tive que ser internado. O médico oficial que me tratava, que era da Polícia Militar, estava prevendo a minha morte... já tinha anunciado pra minha família. Eu tava fazendo tratamento psicológico e foi identificado suicídio. Eu estava falando em suicídio inconscientemente. Meu corpo estava entrando em falência. Talvez fosse o poder do cérebro. (Tempo) Isso não surgiu do nada. Foi uma somatória da Síndrome de Burnout, que era o máximo de estresse advindo do trabalho. Pode vir também do assédio moral... dessas coisas. Eu estava com a maior alta de depressão. E também um transtorno de ansiedade. Eu saí muito debilitado do hospital. Foi nesse período, de me recuperar em casa, que eu... eu já tinha conhecido o Felipe... já tinha amizade com ele... Eu terminei um relacionamento e comecei a me aproximar dele, a conversar. (Olhando pros colegas de cena) Eu me orgulho em dizer que nunca dei em cima dele, de início. (Risos) Só depois que a gente casou.

FLÁVIO: Concentração, Renato! Concentração.



iFegues!

RENATO (Continua rindo): Eu vivia um ótimo casamento. (Muda de humor repentinamente) Eu odeio estar em Porto Velho. Eu odeio estar na Polícia Militar. Eu odeio as pessoas daqui. Eu sempre odiei, porque me fizeram muito mal. E isso é o máximo que posso fazer por eles. De ruim. Porque eu só queria ir embora de Porto Velho. Quando eu saí do hospital, queria sair daqui pra morrer. Essa era a minha intenção. (Para o público) Vocês podem pensar o que for, achar o que for... a minha intenção era essa. No fundo, essa foi a minha decisão. Porque, se eu tinha que morrer, que eu não fosse enterrado aqui. Eu não queria ser enterrado em Porto Velho.

BELX: “Querida”, como a senhora é uma feque rancorosa! Liniker, Linn da Quebrada e Ney Matogrosso que nos livre!

NÊGO: Johnny Hooker também. (Estala os dedos, fazendo um gesto típico das feques das baladas da década de 1980).

FLÁVIO (dando ordem): O que é isso? Que “viadagem” é essa? Caladas, suas feques!

RENATO (Sério. Interrompendo a gargalhada): Mas, aí, conheci o Felipe. (Respirando e concentrando-se) Como sei hoje, eu me permiti isso. Não foi ele que me conquistou. Eu me permiti que ele me... consertasse. Isso me deixa muito bem e me conforta. Saber o que sinto por ele sempre foi muito verdadeiro. Nesse período, de afastamento,



eu estava com uma Síndrome de Pânico terrível! Não conseguia trabalhar. Foram uns três anos horríveis. Mas foi melhor porque eu estava com Felipe. Nosso relacionamento se consolidou. Ele aguentou uma barra comigo. Pra eu melhorar, pra eu ser uma pessoa melhor. Porque eu saí do hospital um homem muito agressivo. Muito amargo. Muito frio. Uma pessoa que ele trouxe de volta, praquilo que eu sou agora. O Felipe tem essa simbologia... de ter salvado a minha vida... de ter me consertado... de trazer à tona o que, talvez, seja o que eu tenho de melhor hoje. Ele suscitou isso tudo de novo. Em contrapartida, eu queria dar o mundo pra ele. Eu queria fazer tudo de melhor pra ele... fazer todo o sacrifício possível. (Chora repentinamente). É isso que me faz arrepender, pois eu poderia ter feito muito mais. E eu não fiz. Porque eu me sinto um fracassado! (Respira fundo e continua) Em contrapartida, eu tinha que me apresentar em Porto Velho, estar na Polícia Militar. E eu tinha que fugir de insinuações. Nesse período eu sofri muitos assédios profissionais, muita perseguição. Eu fui agredido fisicamente algumas vezes com tapas na cara. Expulso... eu fui expulso de um local de trabalho. Expulso! Me roubaram projetos, me humilharam... Eu não era mais chamado pra participar das confraternizações... de nada. As pessoas riam da minha cara. (Tempo) Eu trabalho no setor de comunicação da Polícia Militar. As pessoas de outras áreas, que não trabalhavam lá, vinham até o meu setor pra rir de mim. Era ridículo! Eu decidi, então, ser muito melhor



iFegues!

do que isso. Eu comecei a batalhar, a mostrar que sou inteligente... (Refletindo) Mostrar que eu era superior foi a maior besteira... Era melhor ter mostrado profissionalismo. Mas, pra quê? Pra quê? Eles iam procurar outra forma de me humilhar. A PM é um lugar terrível: é homofóbico! É machista! Mas é hipócrita! Porque eu não sou o único gay dentro da instituição... afeminado ou não! Tem de todo tipo. Tem de todo tipo. (Tempo) Ah, eu mantive o relacionamento com o Felipe no total sigilo, porque tinha direito a isso. Na internet, no Facebook... ninguém encontrava o meu Facebook. Era tudo muito protegido. Poucas pessoas da PM sabiam. Somente amigos muito próximos, aqueles que nunca fizeram nada contra mim. Disso, eu tenho certeza! Foi tudo muito, muito, muito discreto, porque, se eu já sofria assédio moral, e essas coisas todas, assédio profissional, assédio sexual... Imagine se eles soubessem do Felipe! É uma coisa... se você sofre assédio sexual, ou assédio moral, querendo ou não, quer dizer que as pessoas ou suspeitam de você, ou sabem de você ou querem que você seja, pois elas também são. (Lembrando) Ser atacado por um soldado e um cabo ao mesmo tempo dentro de uma oficina... (Tempo) Eu tive que sair correndo... (Risos) Eu tive que sair correndo de lá.

BELX: Ui, que delícia! (Dá uma gargalhada escandalosa e engraçada). Eu não correria. Fazia os dois ali mesmo, na oficina. Principalmente o cabo.



iFegues!

FLÁVIO: Sentada... Calada!

RENATO (com o semblante bravo): Muitas vezes as agressões e os assédios eram insinuações... Isso acontece, ainda mais se você tem a cara bonitinha... você é másculo e não é afeminado. Então, sofrerá outro tipo de assédio. Você vai ter que ceder. Eu já passei por essas propostas... (Tempo) Você é um brinquedo pra fazer isso, esse tipo de coisa. Pra servir sexualmente a um coronel... Pra servir... Era isso! O cara afeminado vai sofrer assédio do mesmo jeito que eu, do mesmo jeito. Não muda. Não muda... Não vai mudar. Mas ele vai ser mais agredido. É o que acontece. Há policiais afeminados?

NÊGO (afetado): Ôh, se há. Babado. Eu conheço alguns, mana. Inclusive, têm muitas "barbies" e "mariconas" também. (Todos riem, exceto Flávio).

FLÁVIO (silêncio): Shiiiiiiii. Silêncio! Silêncio! É uma ordem!

RENATO (continuando): E porque eu não sou afeminado? Porque é o meu jeito. Eu sou eu mesmo! Se eu fosse afeminado, eu teria coragem de ser, pois não posso fingir uma coisa que eu não sou. Eu não poderia fingir que



não era afeminado para agradar a eles... fingir que era másculo para agradar... Mas isso não quer dizer que as pessoas não soubessem de mim. Todo mundo tem sua vida social. E a fofoca acontece. Alguém que ficasse comigo contaria. E naquele momento eu estava casado. Isso era precioso demais pra eles, entende? Eu estar casado com um homem. Aqui em Rondônia nenhum policial casou-se abertamente. E eu não queria sofrer represália, mais nenhum tipo de problema, pois não aguentava mais. Eu não aguentava mais. (Tempo) Quando o Felipe adoeceu... (Silêncio. Engole seco) Pela lei eu tenho direito a fazer com que tudo fosse muito reservado. E foi acatado. Pronto! Uma oficial da área da saúde da PM sabia de tudo. Eu contei tudo pra ela. E ela me disse que eu precisaria entregar a certidão de casamento, a cópia, e os atestados de acompanhamento médico. De imediato eu tive que entregar a certidão de casamento. E assim que eu cheguei, os atestados. Lá em Minas, no sul de Minas, o Felipe estava só em casa. Estava muito frio. E ele não estava respirando muito bem. Então, foi pra UPA. Ele pediu desculpas pra mim, porque achava que eu ia brigar. – “Mas, brigar por que, sendo que você foi ao médico?” Ele estava se sentindo culpado por alguma razão. (Ofegante) Lá ele foi pra Santa Casa. Viram que ele estava com pneumonia e teve que passar por uma terapia intensiva. E foi pra UTI. (Chorando um pouco) Eu cheguei lá e fiquei com ele. (Aumentando o ritmo do choro) Eu cheguei lá, acho, era numa sexta. Não



sei muito bem que dia foi. Era dia 29 de agosto. Foi a última vez que falei com ele. Fomos eu e a sobrinha dele, que fez suas unhas. Ele tinha brigado com a família e queria ficar só. Eu conversei com a família dele. Então, foram acompanhar... E fizeram as pazes e tudo. O Felipe estava chateado, mas ele perdoou... Coisa de família! Ele tava bem. A sobrinha dele, gente (olhando para o público), estava cuidando dele. Ela foi a melhor pessoa ali. Fomos lá juntos. Tiveram que tirar a barba dele. Eu falei: - "Não vai ter problema, pois vai crescer de novo!". (Choro) Nos oito anos que ficamos juntos tinha uma frase que falávamos... Eu ainda não contei isso pra ninguém. Vou contar aqui pra vocês. (Silêncio. Choros) A última coisa que a gente conversou foi uma frase que eu sempre falava pra ele: - "Felipe, você é a minha vida!" (Longo silêncio). E ele sempre respondia: - "Não, você que é!" (Pausa) Foi a última coisa que ele falou pra mim. (Silêncio. Choro). Eu fui pra casa. Estava fazendo muito frio. A gente tinha levado uma manta pra ele. (Tempo) Aí, quando foi 2:50 h, tava ventando muito forte. Eu acordei como se alguém tivesse encostado a mão no meu ombro. O meu gato Baltazar tinha fugido. Naqueles dias todos eu estava tentando trazê-lo de volta pra casa. Eu fui lá pra fora para vê-lo. E quase o peguei. Mas não deu. Voltei pra dentro e deitei de volta na cama. E o telefone tocou. Era o sobrinho dele. Eu perguntei: - "Aconteceu alguma coisa? Não sei!". (Tempo) Eu não queria pensar em nada. Mas, aconteceu alguma coisa. - "Renato,



você precisa ser muito forte!” (Choro) Eu só posso dizer, gente, que estou tentando até hoje ser forte. Eu não sei se aguento mais. O Felipe foi embora.. (Longo silêncio. Confuso e perdido) Aí eu fiquei aqui com um monte de problema. Eu não conseguia pensar, não conseguia fazer nada. Eu mandei a cópia da certidão de óbito... Pra cumprir o luto! Antes disso eu já não estava me sentindo muito bem. Eu procurei uma psiquiatra e peguei mais alguns dias de afastamento. Eu tive uns quarenta dias pra fazer a mudança da nossa casa, pra fazer tudo. Foi muito difícil! Eu não conseguia dormir. Tive que tomar remédio psiquiátrico. A minha situação foi piorando. Mas eu fui aguentando firme. Trouxe os gatos. Trouxe tudo o que pude trazer. Vendi o que pude vender. Deixei o que podia deixar. Tenho vergonha de tanta coisa. Sinto falta de tanta coisa. (Longa pausa. Recompondo-se) Quando cheguei em Porto Velho eu não esperava mais nada, porque eu entreguei... pedi pro meu chefe, né? Para o meu diretor na época, o segundo tenente Peixoto... E ele cumpriu... fez toda a descrição. Ele é um excelente profissional! (Tempo) Quando eu cheguei, o circo já estava montado. Alguém da administração entrou num documento reservado, imprimiu cópias da certidão de casamento e da certidão de óbito do Felipe. Espalharam no quartel. (Começa a ficar confuso novamente) E era o motivo... Não adianta, sabe? Não adianta você... você pode ser o que for, mas vai sofrer todo o tipo de preconceito, todo tipo de assédio naquele lugar... Sendo afeminado ou



não sendo. O que você faz, você batalha... Eu sou excelente profissional. Foi o que fiz. Que besteira! É o motivo maior pra querer te derrubar. Pra você cair no chão. (Tempo) Eu não queria enfrentar aquilo de frente, eu só queria fugir. Eu era piada! (Enfático. Sério) A minha família não é piada. O meu casamento não é piada. O que eu passei naqueles dias não é piada! (Gritando) Não é a porra de piada nenhuma! (Tempo). Hoje eu respondo a dois processos: um na justiça militar em que eu posso ser preso! Podia, né, porque o juiz viu que não tem nada. E ele quer saber o que aconteceu. As motivações são essa: homofobia. O outro processo, que ocorre na mesma esfera administrativa, PADS, estão lá as cópias dos documentos que foram desviados. O meu antigo chefe lacrou no envelope e mandou pra serem guardados reservadamente em minha pasta. Para que o nome do Felipe pudesse constar no registro como sendo da minha família. Isso não aconteceu. Os documentos, ao invés de entrarem no sistema, foram mandados para a corregedoria. E a corregedoria abriu um processo contra mim que não é nada disso. Como se eu tivesse descumprido uma ordem, mas lá estão anexados esses documentos. Pra quem fosse me julgar olhasse e dissesse: – “É um homossexual. É um cara que se casou com outro homem na Polícia Militar”. Aí eu não entendo, pois eu tenho todo o direito de casar, sabe? De casar e exibir na TV. Mas eu não fiz isso. Por uma questão de respeito a mim, pela necessidade de a minha vida pessoal ser respeitada, pois diz respeito



iFegues!

a mim. De me resguardar de qualquer ataque. Mas me expuseram de qualquer forma, porque queriam me ver constrangido. (Ameaçador) Eu não quero nem saber quem fez isso! Quando eu receber a notificação, não será só uma denúncia que farei no Ministério Público, mas sim um processo que abrirei e entrarei de cabeça nele. Eu estou sendo exposto, eu estou sendo perseguido! (Repete, gritando, uma das falas anteriores) A minha família não é piada. O meu casamento não é piada. O que eu passei naqueles dias de tristeza e de sofrimento não é piada! Não é a porra de piada nenhuma. A minha vida não é nenhuma piada! (Sai).



Cena IV – Terror em família: Parte 2

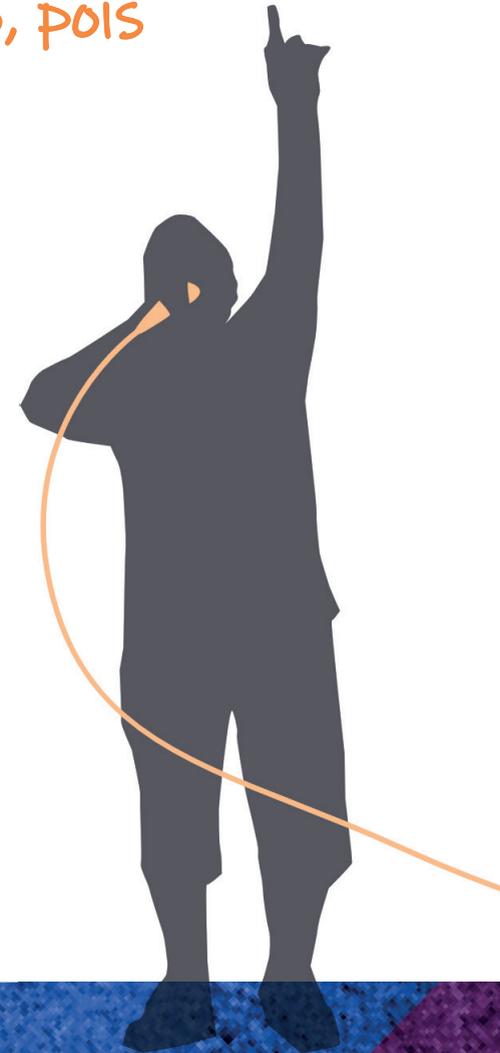
FLÁVIO (No mesmo canto do palco, sob a luz vermelha. Antes de começar, gira o pescoço para um lado e para o outro, tentando aliviar uma dor incômoda): Certa vez eu fazia o meu dever de casa na cozinha. Como era de costume, pois era um aluno dedicado e estudioso. O meu irmão Marildo começou a me azucrinar. Como era de costume. Eu o tranquei fora de casa. Estávamos sozinhos, pois nossos pais e irmãos mais velhos estavam trabalhando. Marildo, como um cão raivoso, começou a esmurrar e a chutar a porta de metal. O barulho era extremo. Mas não dei bola. Passaram-se vários minutos. E eu nada de deixá-lo entrar. Então, ele socou forte a janela de vidro, quebrando-a e cortando profundamente a mão direita. Desesperado, abri a porta. E ele me bateu várias vezes na cabeça. Como era de costume. Não satisfeito, Marildo espalhou sangue por toda a cozinha: nas paredes, no piso, na porta, na mesa, no fogão, enfim, em todos os móveis. E eu tive que limpar.



Cena VI – As fegues cantam um rap com indignação e exigem respeito, pois também precisam de amor

Tantas vezes nos disseram
Vocês não devem existir
Não constam das escrituras sagradas
Isso não é coisa do senhor
É invenção do mal cheiroso
Do mestre do rancor
Tantas vezes me disseram
Sua fegue indigente
Sua galinha preta das oferendas
Seu exú da sexta-feira
Cabeça oca divergente

Tantas vezes nos disseram
Morreram, desgraçadas
Vão queimar no fogo do inferno
Nem cinzas sobrarão
Nenhum “edí” com cabelo
“Mala” ou “odara” com tesão
Tantas vezes me disseram
Não é homem nem mulher
Aberração com certeza
Um fracasso
Uma inútil



iFegues!

Meia tigela, pau de colher
Tantas vezes nos disseram
Escória da sociedade
Destruidores de lares
Mal das nações de Cristo
De Alah, do profeta Maomé
Espelho do Mephisto
Tantas vezes me disseram
Deita, levanta, sentado
Sua vida não tem nenhum sentido
Pendura uma corda no pescoço
Entre mudo, saia calado, seu retardado
Tantas vezes nos disseram
Pedófilos
Comunistas

Sem valer nenhum tostão
Artistas tresloucados
Preguiçosos
Eu não te dou a permissão
Tantas vezes me disseram
Volte pra sua casa
Bicha, cabeça-chata
Essa terra é para macho
Não pra um zé ninguém
Vai embora
Guarde o pau e aquiete o facho
Tantas vezes nos disseram
Que somos inférteis
Estéreos
Doentes



iFegues!

Vazios
Não damos nem pra procriação
Morreremos na solidão
Tantas vezes me disseram
Bicha gorda
Afeminado
Seu Verme nojento
Imprestável
Sua vida é uma devassidão
Tantas vezes nos disseram
Fegues-prostitutas
Monas-vazias
Bichas-larápias
Veados-sem-caráter

Boiolas-filhas-da-puta
Tantas vezes me disseram
Homossexual deficiente
Jornalista incipiente
Homem insuficiente
Artista ineficiente
Vamos te matar, seu delinquente
E agora somos nós que dizemos
Ouçam bem
Exigimos respeito
Precisamos de amor
Queremos viver
Temos o direito de existir
Não aguentamos mais tanta dor.

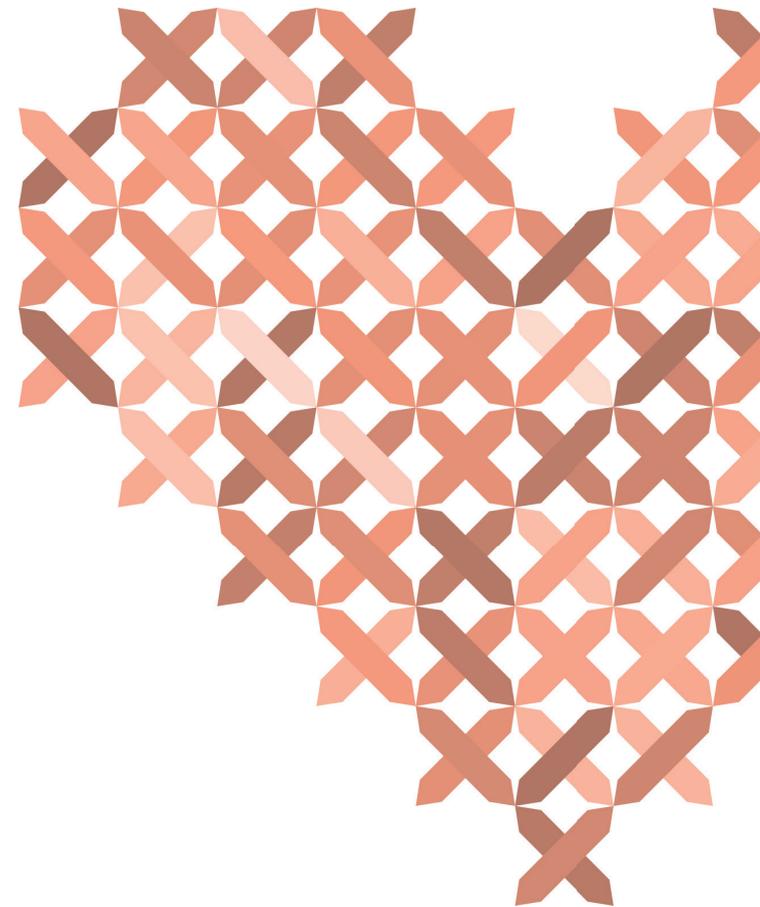


iFegues!

Volta à Cena II – O tricô de Caio Fernando

(Caio, num domingo quente de verão, está tricotando na varanda, sentada na cadeira de balanço da sua avó. Ele se imagina como uma mulher e elucubra sobre diversos nomes para a sua versão feminina).

CAIO FERNANDO (Enquanto tricota, variando da infantilidade ao comportamento “exemplar” de uma mulher adulta): Se eu tivesse nascido uma menina, tudo seria mais fácil pra mim. Inclusive o meu nome. E o meu pai seria mais indulgente comigo. (Imita o pai) – “Pare de desmunhecar, menino! Tricô não é coisa pra macho.” Eu poderia ter trejeitos diversos e ser feliz com as minhas maneiras delicadas (faz uma pequena sequência de gestos afeminados). A mulher não precisa se apresentar ao serviço militar. Eu poderia ficar em casa divertindo-me com as minhas bonecas e com suas comidinhas falsas preparadas no igualmente ilusório fogãozinho. E eu, sendo bonita, de



preferência morena com olhos verdes e de largas ancas, conquistaria um homem do meu gosto: inteligente, alto, musculoso, rico e.... (Ri sem graça)... com um membro descomunal! (Ri novamente) É óbvio que eu não precisaria trabalhar e seria sustentada pelo meu príncipe. Todo dia compraria uma indumentária elegante e cara. Afinal, as princesas precisam apresentar-se à plebe sempre lindas e bem vestidas! E se a minha mãe tivesse me batizado com um nome tenebroso, tal como Mariclelda, bastaria esperar fazer dezoito anos para eu ir a um cartório e trocar de alcunha: Clarice Lispector, Lygia Fagundes, Cecília Meireles, Virgínia Woolf, Simone de Beauvoir, Virginie Despentes, Ariane Mnouchkine, Cicciolina... (Ri de forma safada) Se fosse Cicciolina eu conquistaria todos os homens que quisesse. A situação mais inapropriada que ocorreria era eu granjear fama de puta e de desavergonhada. (Com orgulho) Diriam: – “Como é puta essa Beauvoir, ou Virgínia, ou Lispector, ou Ariane. Ela deita-se com qualquer macho que cruze o seu caminho!”. Sim, fornicaria com qualquer um que quisesse: brancos, loiros, pretos, altos, baixos, magros, gordos, perfumados... (vai saindo de cena e dizendo características de homens)... fedorentos, desdentados, dotados, não dotados, tristes, alegres, etc.

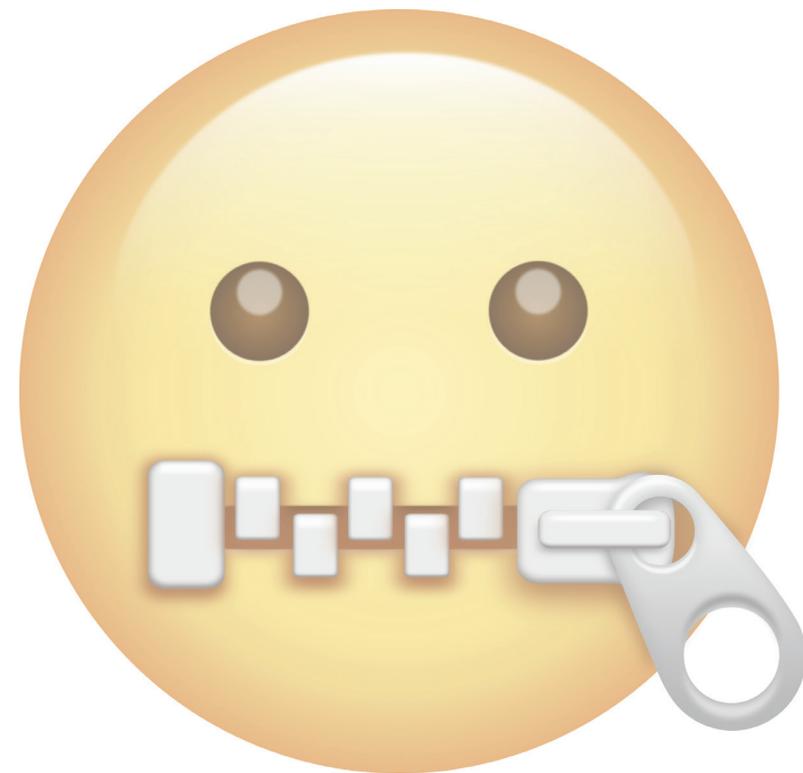


iFegues!

Cena III – “Eu era apenas uma criança. E o senhor dizia que me amava”

(Cena acústico-visual. Flávio, Renato e Nêgo, enquanto crianças, são estuprados, simultânea e paralelamente, por homens adultos. O primeiro é violentado por Diamond. O segundo por Belx. E o terceiro por Caio Fernando. Dos estuprados ouvem-se choros, gemidos de dor e súplicas. Dos estupradores escutam-se palavras de baixo calão, risadas e gozos de prazer. A cena se passa com luz em baixa resistência. Vêem-se apenas penumbras e movimentos confusos, como um filme expressionista do início do século XX. Ao final da cena, fica apenas Renato no espaço).

RENATO (chorando): Pai, eu era apenas uma criança; e o senhor dizia que me amava!



Ato V

80º dia de ensaio

Cena VII – Ser feminina não é pra qualquer uma!

BELX: Eu não me lembro de ter consciência, durante a minha infância, de ser feminina. Isso não fazia muita diferença. Não dava atenção a isso. Nunca me toquei pra essas questões, sabe? Eu era uma criança... e pronto! Mas era delicada. Tinha jeitinho. Era a minha personalidade. Eu só vivia isso. Não me atravessava por isso. Eu vivia rodeada por mulheres... pelos meus familiares. Não era uma criança rueira. Então, nunca fui oprimida na rua. Coisa que é muito frequente com as outras meninas, principalmente



iFegues!

na adolescência. A minha família é muito acolhedora e nunca forçou nenhuma masculinidade... que eu tivesse comportamentos masculinos, sabe? E nunca exigiu nada e nunca questionou nada. Eu me sinto bem à vontade com a minha família. Durante a minha infância, isso foi muito importante. Até mais ou menos os doze anos eu não tinha muita consciência da minha feminilidade, mas sabia que era delicada. E isso não era questionado pela minha família. (Tempo. Sorrindo) Aos treze anos eu tive uma experiência com meninos. (Pausa) Nunca cheguei a me interessar por meninas. Eu quero meninos, as meninas ficam pra quem quer, pra quem gosta. (Risos). Mas essa não é minha praia. Sempre tive consciência disso.

NÊGO (comemorando): “Lacrou”, mana! “Arrasou” com as pererecas.

BELX (rindo): Aos treze anos tive algumas experiências, que não chegaram a ser nada sexuais... foram umas brincadeiras. Era com uns meninos da minha sala. Não foi uma coisa frequente, muito menos marcante. Logo depois disso entrei na igreja. Meus pais começaram a frequentar a igreja.

CAIO FERNANDO (crítico e revoltado): Já vem ela de novo! Sempre ela, essa instituição caduca e retrógrada, pra atrapalhar a nossa vida.



NÊGO (enfrentando Caio Fernando): o que você tem contra a igreja, sua "PAM"? O problema são as pessoas, não a instituição!

CAIO FERNANDO: É óbvio que é a instituição, pois ela é dogmática. E tenta encaixotar o pensamento dos fiéis. (Alfinetando) Mas você não entende isso, mesmo tendo passado por tanta homofobia e preconceito no seio da igreja.

NÊGO (mostrando o dedo anelar para Caio Fernando): "Tá meu bem", senta aqui e roda!

BELX: Continuando, "monas"... E eu tinha que acompanhar os meus pais. Fiquei dos 12 aos 15 anos nessa igreja. Era uma fase meio neutra. Eu não me senti oprimida na igreja, mas eu sabia que não era um lugar acolhedor pra mim, embora eu gostasse do espaço e das pessoas que lá estavam. As pessoas são aqui do bairro. Inclusive, o pastor mora em frente à minha casa. Então, tínhamos uma certa convivência. E ele nunca se incomodou.

RENATO (irônico): Sei.



BELX (ignorando a ironia): Só entre 14 e 15 anos que começou uma vontade: – “Ah, eu não quero ir pra igreja hoje! Eu quero dar uma paradinha, dar um tempo, sabe?”. Mas, aos 15 anos eu cheguei a me batizar... (Expressão de surpresa dos colegas de cena) É até engraçado, pois me batizei de manhã, geralmente tem umas excursões, e a noite era a Santa Ceia, porque era o primeiro domingo do mês. E eu não fui. Então, me batizei de dia e não fui à noite! Na realidade, nunca mais voltei. (Risos) É como se o batismo tivesse me alertado pra vida. Não foi algo marcante em minha vida... Quando eu completei 15 anos eu comecei a trabalhar e fazer cursos, além de estudar. Então, eu deixei de ir pra igreja muito mais por questão de rotina e... Primeiro, eu tava mais à vontade; segundo, porque eu não tinha mais tempo, eu estava cansado e queria fazer outras coisas.

DIAMOND E CAIO FERNANDO (olhando-se, falam juntos): Oh, glória! (Estalam os dedos, comemorando).

BELX: Eu recebia meu salário e queria ir pro shopping... queria sair pra praça. Fazer as coisas que me chamavam mais a atenção nessa época.

FLÁVIO (irônico): Amém?

TODOS (exceto Nêgo e Belx): Amém.



BELX: Eu trabalhava como Menor Aprendiz de manhã, fazia curso de tarde e o ensino regular de noite. De 15 anos em diante eu comecei a ter liberdade pra sair... voltava na hora que eu quisesse... e isso fez com que eu deixasse a igreja um pouco de lado. Na realidade, que abandonasse mesmo a igreja e focasse em outras coisas, como sair com meus amigos. Enfim... Como eu tinha independência, me sentia mais à vontade de ser como eu sou... sem precisar fingir. Pelo menos naquela época ainda, né? Mesmo que eu não tivesse uma consciência e que estivesse ainda no começo. Mas eu sabia que eu tinha um... meio que um bloqueio em mim. Em determinados espaços eu não tinha e poderia ficar mais à vontade... falar as coisas que eu quisesse... Mas eu tinha acabado de sair da igreja. Então, eu ainda carregava resquícios de uma doutrina.

CAIO FERNANDO (comemorando): Não falei? (Tempo) Yes, yes, yes! Sí, sí, sí!

BELX: A minha independência foi importante não só para a questão da feminilidade, mas também para a liberdade de viver e fazer o que eu queria. E de não me sentir culpada por não fazer certas coisas. Eu saí da igreja, porém, não saí com aquele sentimento de: – “Ai, eu tô fazendo uma coisa ruim!” Eu simplesmente saí e vivi minha vida... Mesmo os meus pais me fazendo sempre o convite pra ir pra igreja! Hoje em dia eles já desistiram de me convidar.



(Gargalhadas libertadoras) Depois dos 18 anos nunca mais me chamaram. Até porque nem eles frequentam tanto mais. Isso, de certa forma, deu uma afrouxada nos pensamentos deles, na forma de lidar com as coisas em casa. Até então eu não tinha uma feminilidade presente. Pelo menos fisicamente, como é marcante hoje em dia (mostra-se de forma sapeca para os colegas e para o público) Eu só tinha trejeitos. Não era, visualmente, feminina. Meu cabelo era sempre curtinho... Enfim... Se não me engano, foi a partir dos 16 anos que eu comecei a deixar o cabelo crescer. Já ficou grande. Já cortei. Se eu tivesse deixado, hoje ele já estaria aqui... quase na bunda. (Mostra o traseiro para o público e se dá uns tapinhas sexuais) A partir dos 18 anos começou a entrar a feminilidade em mim. Eu comecei a me maquiar. Depois, comecei meio que me montar. Eu saía para as festas e me vestia. Isso se tornou frequente. Era 2017, 2018.... Aos 20 anos eu entrei na faculdade, no Curso de Teatro da UNIR. Então, eu parei de sair tanto. Hoje eu não tenho mais pique, mais vontade. Não aguento ficar a noite todinha na balada, como eu aguentei. (Risos) Era toda semana. Às vezes sexta, sábado e domingo eu saía. Se tinha festa, eu gostava de colocar um aplique, às vezes uma peruca... comprava roupa, vestidinho, shortinho, camisa. Me maquiava todinha. Eu não tive a intenção de ser... tipo: - "Ai, drag! Eu quero ser drag e estou me maquiando pra isso". Eu me arrumava porque queria ir pra festa arrumada daquele jeito, sabe? Com 18, 19 anos



eu organizei uma festa. E deu certo. Eu dei continuidade nela em 2016. Até hoje eu a faço. Mas nos primeiros anos foi o período que tiveram mais edições. Acho que até hoje já fiz umas 14 edições. Nessa festa eu sempre ficava montada! Aí veio uma personagem... uma persona para essa drag, meio que oficial. Um amigo fez uma brincadeira e deu um nome pra ela: Rapha, com ph. E Ryga. Então se tornava Rapha..Ryga. (Tempo) Eu não chegava a me apresentar artisticamente. Não tinha coragem de me apresentar, pois tinha muita vergonha. Só me montava e ia. Eu bebia muito e interagia bastante com as pessoas. Mas, chegar a me apresentar, não. Nunca marquei a presença dessa drag. Eu me arrumava e aparecia nos cantos. E as pessoas me reconheciam por causa das festas que eu organizava. E elas me chamavam de Rapharyga. Sabiam que eu era a Rapharyga. Mas não uma drag oficial. Embora eu já tocasse em minhas festas. Tudo o que eu fazia era sempre em minhas festas. Não das outras pessoas. (Tempo) Nessa época eu comecei a prestar atenção sobre como eram os hormônios em uma pessoa. Eu sabia dos tratamentos... das trans em si. Eu sempre fui muito curiosa e pesquisei. Porém, não conhecia ninguém que tivesse tomado hormônios. Mais tarde conheci uma drag de Porto Velho. Ela era performista de concursos, na linha bem feminina. Quando ela tinha 15 anos tomou hormônios. Ela era assumida e tinha uma vida (dando ênfase) bem mais movimentada que eu! As meninas que conviviam com ela disseram para ela tomar



hormônios para ficar mais feminina. E ela tomou. Não me lembro por quanto tempo ela tomou. Ela me disse. Mas não me lembro. Foi só por um tempo. Mas, como ela era jovem, o efeito foi muito rápido. (Tempo) Essa drag é bem feminina. Foi a primeira que eu vi num concurso. E eu logo fiquei amiga dela. E comecei a contratá-la para tocar em minhas festas. Nós conversávamos bastante sobre essa questão de hormônios. Ela me contava tuuuudoooo! (Tempo) Aí fiquei curiosa, porque ela era muito bonita montada. E me falava: – “Olha, é super tranquilo. Só que tem que tomar um pouco de cuidado. Não é nada demais!”. Mas eu tinha medo, porque não gosto de tomar remédio, de fazer tratamento médico... Só se for preciso. (Risos) Eu não sou adepta a tomar medicamentos para qualquer coisa. Hormônios, só os pré-estéticos. Eu sou uma pessoa muito fraca pra remédios. Sinto efeitos colaterais mais fortes. Mas fiquei curiosa de como seria e comecei a me questionar. Mas nunca tive coragem de comprar hormônios na farmácia e tomar. (Tempo) Por meio das festas conheci outra amiga. Ela também se montava. Na época ela ainda era menino. Eu pude acompanhar o processo de transição dela. Nós conversávamos muito. Até porque tínhamos assuntos de interesse de ambas. Eu a acompanhei. Ela fez todo o processo certinho. Ela foi à psicóloga. Não fez as coisas com pressa. Teve todo um processo. E ela me explicava como funcionava: – “Pra você fazer a transição de forma legal, primeiro tem que ir ao psicólogo e fazer algumas



sessões de terapia, pra fazer um laudo pra ter a certeza de que quer mesmo fazer o processo". A transição pode ser prejudicial à saúde se você não fazê-la da forma adequada. E mesmo assim tem muitos riscos. – "Depois que tu tens o laudo tem que ir ao médico, no clínico geral. Em seguida, ele te encaminha pro endocrinologista. Aí começa o tratamento com todo o acompanhamento profissional". São muitos medicamentos. E caros. Não basta somente tomar os hormônios. É preciso tomar também um bloqueador pra parar a testosterona. Pra diminuí-la. Aí sim tomam os hormônios pra estimular... Adicionar no corpo. Fora isso, é preciso tomar muitas vitaminas. Tem que ter toda uma dieta. É um processo bem complicado. E é difícil fazer certinho. Agora, imagina como ocorre na realidade! Muitas não têm acesso a isso. A minha amiga conseguiu fazer tudo certinho. Mas algumas vão lá na farmácia e só compram os medicamentos... Alguém fala que é bom e dá uma indicação de dosagem e pronto. Por isso tem trans e travestis com um peito no pé e o outro na cara! (Risos) A minha experiência com hormônios foi basicamente isso. Eu já tinha pesquisado na internet, sabia exatamente qual medicamento seria mais indicado para iniciar... e com menos efeito colateral. Tem um, que não me lembro o nome, que é bem conhecido, de adesivo... Eu tomei só no ano passado, um pouco antes do Madeira Festival de Teatro, em Porto Velho, até depois do Festival de Teatro de Passos, em Minas Gerais. Foram só uns três meses. A caixinha desse medicamento só dura



três meses. É um adesivo que se cola em alguma parte do corpo: no braço ou na cintura. Então, tu ficas com esse adesivo umas três semanas. Eu não cheguei a ficar o tempo todo certinho. Só umas duas semanas. Teve um intervalo de tempo. Era pra usar três semanas e, em seguida, usava a outra cartelinha. Eu tomei a primeira. E só depois de um tempo tomei a segunda e a terceira. Eu usei, mas não chegou a fazer efeito. Não fez nenhuma diferença. (risos). Isso aqui (mostra o corpo), é tudo natural, bebê! (Tempo) Não tive nenhum efeito colateral. Logo no início da transição é bem complicado, porque dá uma mexida bem forte nos hormônios da gente. Pode até dar depressão. Isso era um dos meus receios. Tive medo de ficar com umas neuras na cabeça. Ficar mais confusa do que já sou. (Risos) Mas não senti nada disso. Só algumas dores de cabeça. (Reflete) Na verdade, tive muiiiitaaaaa dor de cabeça. (Tempo) E esse foi o motivo d'eu não querer continuar com o tratamento. E, aí, parei! Isso tudo foi durante a faculdade... em 2019. É engraçado, pois as pessoas me questionam muito: - "Ah, você está tomando hormônio. Está em transição?". Não, não estou nada, meu bem! (Neste momento, entram alguns atores para carregá-la, como se fosse uma rainha) Eu só sou uma mulher vaidosa e gosto de me depilar, fazer a sobrancelha, cuidar do cabelo. Euzinha que faço tudo. É o meu momento. É o meu lazer. Isso é ser feminina... É o meu cotidiano, bebê! Eu sou feminina naturalmente. Sou atraente. Quando quero, se estiver confortável, sou



masculino. E, quando quero, sou feminina. (Para o público) Não fiquem com inveja, tá bom? (Neste momento, Belx retoma, junto com os atores que a carrega, um trecho da música "A Lenda", de Linn da Quebrada):

Eu tô bonita? ('Tá engraçada)

Eu não tô bonita? ('Tá engraçada)

Me arrumei tanto pra ser aplaudida...



iFegues!

Cena VIII – Terror em família: Parte 3

FLÁVIO (No mesmo canto do palco, sob a luz vermelha nelsonrodriguiana. Antes de começar a narrar alonga o corpo para frente e para baixo, numa tentativa de aliviar o seu sofrimento): Cheguei da escola às 12:30 h. Estava com muita fome. Corri no banheiro e lavei as mãos. Em seguida, servi um prato tão alto como as montanhas de Minas. Como era de costume! O meu corpo era tão sinuoso como as formas modernistas da Igreja São Francisco de Assis, a Igrejinha da Pampulha, de Beagá. Enquanto eu comia, assistia às notícias do meu amado Clube Atlético Mineiro. O meu irmão Marildo, como de costume, também chegou do colégio como um macho alfa e trocou de canal. Eu esbravejei. (Tempo) E comecei a apanhar. Corri. Ele, então, pegou o meu garfo e o lançou em minha direção. Coloquei o braço esquerdo na frente do rosto para me proteger. Como um vampiro, os quatro dentes do talher grudaram em minha pele. (Tempo) Eu chorei. Não entendia o motivo da violência gratuita contra a minha dignidade.



90º Dia de Ensaio

Ato VII

Cena I – Eu era cego e não sabia!

CAIO FERNANDO (narrando a sua história): Eu conheci meu ex em novembro de 2013, num bar de Vilhena, interior de Rondônia, na véspera do feriado de 15 de novembro. Fiquei com ele até novembro de 2015. Foram dois anos de relacionamento. Eu tinha recém saído de um emprego muito bacana. Eu trabalhava com povos indígenas e comunicação social. Fazia trabalhos de compensação ambiental. (Tempo) Eu e membros do meu grupo de teatro, o Virakabuki, fomos para esse bar, que era meio *underground*. Éramos clientes



iFegues!

cativos. Íamos lá, praticamente, todo o final de semana. Eu tinha uma vida bem agitada. Saía bastante com o pessoal do teatro. Daí, esse meu ex chegou com algumas pessoas, que estavam vindo do cursinho. Eles sentaram-se do lado de fora e ficaram lá bebendo. Depois, ele entrou e cruzamos os nossos olhares. Bateu aquele interesse. Ele ficava indo e voltando. E me olhando. De repente, chegou um bilhetezinho em minha mesa. A garçonete que trouxe. Estava escrito: – “Oi, achei você muito bonito! Gostaria de lhe conhecer”. Aí eu falei pra ela: – “Ah, é o fulano de tal?”. – “É”. – “Empresta-me a sua caneta, por favor”. Escrevi: – “Eu também gostaria de lhe conhecer, pois você é bem interessante”.

NÊGO (provocando): “Tô passada”! Se atirando no “bofe”, mana? A senhora é muito dada! (Risos)

CAIO FERNANDO (ignorando): Ele era alto. Magro. (Pensando melhor) Magrelo... Naquela época eu curti caras assim. Ele tinha um rosto bem bonito, desenhado... Então, a garçonete levou o bilhetezinho de volta e ele mandou o telefone dele. Eu o adicionei no *WhatsApp* e começamos a conversar. Conversamos por meia hora. Então, a Valéria, minha amiga do grupo, disse: – “Amigo, você vai ficar conversando só pelo celular? Vocês estão só a dez metros de distância. Por que não vão se falar?”. Tomei coragem e fui lá fora. Cumprimentei todo mundo



da mesa e começamos a nos falar. Conversa vai, conversa vem... O pessoal da mesa dele foi embora e ele ficou sozinho. Lembro-me que a Valéria estava indo embora e eu resolvi ir junto com ela.

NÊGO (continua provocando): Se fazendo de difícil, né, "bill"? Vai vendo... (Todos riem, exceto Flávio e Caio Fernando).

CAIO FERNANDO (Continua a difícil tarefa de ignorar Nêgo, um grande rival do seu atual grupo de teatro): Então, marcamos de nos encontrar, porque não ficamos naquele dia. Marcamos um jantar para o dia seguinte. Fomos comer fora. Depois, nos encaminhamos para a minha casa.

NÊGO (continua provocando): Foi "atender" né, "bilú"? kkkkkkkk

FLÁVIO (bravo): Nêgo, por favor, comporte-se!

CAIO FERNANDO (rindo): Toma, "bolacha"! (Todos riem, exceto Nêgo e Flávio. Aliás, este último quase nunca ri) Nessa época eu morava em uma casa com uma amiga. Nós tínhamos alugado, pois ela também gozava do seguro desemprego. Estávamos numa situação confortável, por pelo menos seis meses. Era uma casa grande,



de madeira, boa, reformada... Minha amiga tinha viajado para a casa dos pais, em um município do Cone Sul. Eu fiquei sozinho. Então, depois do jantar, descemos lá pra casa. Conversa vai, conversa vem... E rolou. Foi ótimo! Começamos a nos falar direto. Ele era bem interessante, super atencioso! Como todo início de relacionamento, né? (Pausa) No dia seguinte ao jantar ele foi lá em casa e dormiu de novo. E foi ficando, sabe? Nessa época ele morava com a tia dele, que era de Vilhena. Ele era do Mato Grosso, de uma cidade próxima a Vilhena. Ele foi pra Vilhena estudar. – “Interessante, pelo menos ele está estudando!”, pensei. Ele deveria ter uns vinte anos na época. A tia dele era bem bacana. Ele me apresentou a ela. Adorei. Ela gostava muito de plantas também. Eu sou louco por plantas. Bateu a simpatia de imediato. Só que ele começou a reclamar que ela dava muita coisa pra ele fazer e que não estava conseguindo concentrar-se nos estudos. Ficou choramingando. No final, ele já estava praticamente morando lá em casa comigo e com a minha amiga. No começo, minha amiga o achava um rapaz bacana. Mas, depois, começou a me tocar uns “bizus”. Isso, após um acontecimento... Uma situação que eu fiquei cego e não vi direito. Mas eu perdoei, por se tratar de uma primeira vez. Foi durante a formatura de Pedagogia do meu amigo Eliseu. Ele convidou todos nós do grupo de teatro Virakabuki. A minha amiga, que eu morava com ela, também era integrante desse grupo. Ela fazia a parte técnica: luz, som, contrarregagem... Ela



era maravilhosa! O Eliseu deu um jeito de conseguir um ingresso pro ... Ops, quase cometi um ato falho e falei o nome dele! (Risos) E (dando ênfase) o meu ex também foi. Compramos roupa nova e fomos. Chegando lá, ele fez a linha esnobe... Não queria conversar com ninguém do grupo.

NÊGO (antipático): Fez "carão". Deu "close".

CAIO FERNANDO (continua ignorando): E era a primeira vez que eu o levava para um evento com os amigos do teatro. O pessoal foi bem simpático com o meu ex, mas ele foi bem antipático. Nesse e nos outros que vieram depois. Ele não deu muita atenção, apesar de fazer a linha simpática. – "Não quero muito contato!" Quando fomos tirar fotos com o formando, o meu ex sumiu do baile. Eu mandei mensagem e ele não respondeu. Mais tarde ele mandou uma mensagem: – "Olha, eu vim pra casa porque estava com dor de cabeça!". Era dezembro e ele já estava ficando lá em casa. – "Pode ficar aí com seus amigos, mas não volta muito tarde não, porque é difícil voltar pra casa". Eu não dei muita atenção. Fiquei mais um pouco no baile. E ele começou a me ligar... a me ligar... ligar... ligar... ligar.

RENATO (mostrando surpresa): Vai vendo onde isso vai chegar. Como policial, já ouvi inúmeras histórias assim.



CAIO FERNANDO: Meus amigos ficaram furiosos com ele por conta disso. Meu ex estava dando show, né? Era um dia especial pro Eliseu e ele já estava arrumando intriga. Acabei indo pra casa. Por sorte, o clube do baile era na mesma rua da minha casa. Um pouco distante, mas na mesma rua. Era só seguir reto. Fui a pé mesmo. Eu estava todo elegante de social. (Faz cara de nojo) Mas cheguei em casa com os sapatos sujos de lama.... meu ex disse que não estava passando muito bem e que o estômago dele doía. Detalhe: ele não comeu na festa! Eu acreditei. Ele fez o showzinho habitual e pediu desculpas. E eu fiquei um pouco queimado com o pessoal do teatro, pois saí do baile. Estávamos falando dessa festa desde a metade do ano. E eu, mal e mal, comi e fui embora. Por causa de uma pessoa que eu tinha acabado de conhecer. Os meninos ficaram um pouco chateados, mas acabaram relevando. E a Bal, a Valéria, disse: – “Ih, quando já começa assim!”. E eu: – “Não, Bal, ele estava com dor de estômago”. Enfim... dormimos. Meu ex foi ficando lá em casa. Quando a minha amiga estava em casa era amorzinho pra cá... amorzinho pra lá. Quando ela ia dormir na casa da namorada, ou ia pra casa dos pais, ele continuava lá. Na realidade, o ex dizia que não conseguia se concentrar nos estudos na casa da tia dele, porque ela tinha um filho adolescente e uma criança. Mas era tudo balela. Era preguiça mesmo, porque não queria ajudar. Só que eu não sabia disso, pois a tia dele não me falava. Ele acabou se aboletando lá em casa. E eram as



mil maravilhas: ajudava, fazia as coisas... Só não cozinhava porque, nessa época, éramos eu e a minha amiga que cozinávamos. Então, era tranquilo. Quando a minha amiga saía, ele começava com as crises de ciúmes em relação às redes sociais, ao pessoal do teatro... Ele me questionava todo o tempo se eu já havia ficado com alguém do teatro. Ele queria que eu excluísse alguns rapazes que eram meus amigos no Facebook. Tanto foi que eu fiz isso! Só que nunca dei senha nem nada para ele, pois eu não confiava de jeito nenhum. Acredito que temos de ter privacidade nessas questões. Eu não paquerava ninguém, pois estávamos namorando. Se alguém me procurasse, dizia que estava comprometido. E as pessoas respeitavam. Ele era muito disso: de saber com que eu conversava no WhatsApp, nas redes sociais... E sempre torrando a minha paciência. Quando tínhamos reuniões do grupo de teatro, ele ficava mandando mensagens perguntando quando eu chegaria em casa; por que marcávamos ensaios aos finais de semana, à noite... Esses eram os dias que todos podiam, até porque tinham outros trabalhos. Ele não entendia que precisávamos ensaiar, ministrar oficinas, apresentar espetáculos... Fazíamos ações, com uma ONG, de prevenção contra HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis. Enfim, fazíamos muitas ações artístico-culturais. Eu tinha uma boa estrutura de amizades em Vilhena, uma rede de apoio sólida, porque trabalhava na imprensa. E o meu ex não queria socializar com os meus amigos. Ele simplesmente achava que eu



havia me relacionado com todo mundo e que nos ensaios fazíamos surubas. (Tempo) Suruba, gente? Nunca, em toda a minha carreira de teatro, participei de uma suruba nos ensaios ou nos espetáculos. Nós trabalhávamos e trabalhamos muito sério. A Valéria, a diretora do grupo, ainda é muito rigorosa e profissional. Sempre foi. (Pausa) Chegou, então, a festa de final de ano do grupo, de confraternização, na qual fazíamos o fechamento das atividades. Para se desculpar, o meu ex foi. E a temática da festa era “almodovariana”, inspirada no diretor de cinema espanhol Almodóvar. Precisávamos ir vestidos com alguma personagem. Ele foi. Mas me contrariou, pois eu queria ir de Zahara, que é a travesti do filme “La mala Educación”, interpretada por Gael García Bernal. Eu havia conseguido toda a indumentária e adereços dessa personagem: peruca, casaco, saíha... Tudo. Eu experimentei e ficou um luxo... Um escândalo de bonito! E ele invocou porque eu vestiria roupa de mulher. A feque endoidou e disse: – “Se você for desse jeito não irei!”. Por não querer provocar mais chateações, eu cedi. Então, minha amiga foi de Zahara e eu de Almodóvar. Aquela festa era importante pra mim, pois eu adoro o Almodóvar. Só que eu não estava feliz. Estava tentando. Por dentro eu queria ir de Zahara. A festa foi boa, mas poderia ter sido melhor. O meu ex encheu o saco... Voltamos pra casa... Ele foi, ao longo do relacionamento, minando as minhas vontades. Quando a minha amiga viajava, ou dormia na casa da namorada, meu ex sempre procurava



alguma encrenca. Ele tinha ciúmes de tudo. Havia um cara, um ex namorado, que morava na cidade. E o meu ex achava que eu ia me encontrar com ele. Tinha ciúmes das minhas amigas. Da Nabila, por exemplo... Ele dizia que eu já tinha me relacionado sexualmente com ela. Na loucura dele, eu transava com os meninos e com as meninas do grupo. Era uma esquizofrenia total. Ele implicava com muitas coisas relacionadas a mim. Ele sabia se eu havia me masturbado ou não. Se eu tinha visto pornografia ou não. Ele ficava monitorando o histórico do meu celular. Era horrível, horrível, horrível! Quando acontecia algo que era contrário ao gosto dele, ele dizia que iria embora... Fazia a mala... Criava todo um drama. Várias vezes ele pegou um táxi para a rodoviária, dizendo que voltaria pra casa da mãe dele. (Tempo) Certa vez estava chovendo. E o meu ex saiu com a mala na chuva! Estava descendo em direção a um rio próximo de onde eu morava. – “Meu deus do céu, esse homem está louco!”. Eu corri atrás dele na chuva. – “Não, não, não faça isso!”. Ele era muito fatalista. (Tempo) Outra vez ele pegou uma faca e tentou se furar. No começo era assim, contra ele próprio. Ele cortou a mão e passou sangue em toda a parede! Horrível, horrível, horrível de lembrar! (Pausa) E eu ficava aterrorizado: – “Essa fegue vai se matar dentro da minha casa.”. E eu sempre preocupado com a minha reputação, com o meu nome. Eu nunca tinha namorado antes. Não sabia como era. As pessoas me perguntam: – “Como você deixou chegar a esse nível?”. Como reagir a uma



pessoa que ameaçava se matar todo tempo? Eu não queria o mal dele. Contudo, ele me fazia muito mal porque eu precisava ficar ao seu lado. Ele fez tanto a minha cabeça que conseguiu me fazer brigar com a minha amiga que morava comigo. E ela acabou indo embora. Foi um dos meus piores arrependimentos, porque era uma pessoa maravilhosa em minha vida. (Tempo). Hoje a gente se fala, mas ela está no Pará. Eu perdi muito por não ter continuado a morar com ela. E perdi muito com o pessoal do teatro também. Eu me fechei nesse relacionamento obsessivo. Até da minha gata ele tinha ciúmes!

DIAMOND (incrédulo): Não acredito!

FLÁVIO (escandalizado): No way!

CAIO FERNANDO: É verdade, pessoal! Ele tinha ciúmes da minha gata. A ponto de ser cruel com ela. E ela não gostava dele também. Não confiava nele.

BELX (espantadx): Tô de bobes!



CAIO FERNANDO: Chegou um momento que tínhamos três gatos e um cachorro. E o meu ex tinha ciúmes de todos os bichos! (Longo silêncio). Quando ficamos só eu e ele em casa, e os bichos, o demônio fez a festa! Ele começou com todo o jogo mental. Só assistíamos aos filmes da preferência dele, que era de terror. Nós alugávamos muitos filmes. E víamos três ou quatro em sequência. Além d'eu viver sob tensão, tinha que ver filmes de terror com ele. – “Não, amor, vamos pegar um romance!”. – “Ah, não, não gosto. O romance você tem que ter comigo!”. Ai, ai... Tem um filme, A Lei do Desejo, de 1986, 87... que a história dele é muito parecida com a nossa. A psicopatia e o relacionamento tóxico do filme é muito parecido com a história que estou contando. Ele assistiu a esse filme. Não sei se o meu ex estava copiando a maneira do psicopata do filme. Não sei.

FLÁVIO (enfático, alongando um dos braços): Com certeza, pois, muitas vezes, ficção e realidade se confundem na cabeça de um psicopata.

NÊGO (fazendo o sinal da cruz e tentando se redimir): Valha-me, Iemanjá!

CAIO FERNANDO: Vivíamos entre artistas. E ele dizia que adorava teatro. Mas nunca foi ver nada. Não queria participar de nada. Essa foi a primeira mentira. Filme? Terror. E música? Só evangélica: Diante do



Trono. (Para o público) Eu peguei um abuso dessa banda que vocês nem imaginam! Eu não posso ouvir Ana Paula Valadão cantando que me vem tudo à cabeça. É um inferno! Ele foi evangélico por muito tempo. Não sei se ele foi expulso, ou coisa parecida. O certo é que ele não frequentava nenhuma igreja. Ele comprava todos os cds e dvds dessa banda gospel. E ouvia o dia todo. E queria que eu ouvisse também. E eu não suporto música gospel. Imagina ouvir esse tipo de música o dia inteiro, quando se trabalha em casa. Eu estava desempregado na época, mas fazia uns *freelancer* para uma ONG. E trabalhava muito em casa. Era um inferno! Eu pedia pra ele desligar e começava a briga. Brigávamos por tudo. Ele não queria fazer serviço de casa, cozinhar... Era uma preguiça só. Ele ficava me provocando, me tirando da minha zona de conforto. Era só para me irritar e minar minha autoconfiança. Fazia um verdadeiro terror psicológico comigo. (Tempo) Eu acabei parando de ir aos ensaios. Ou ia sem ele saber. Eu vivia uma vida dupla: uma clandestina e uma com ele. E quando saía era tudo muito rápido, para ele não me importunar. Quando brigávamos, eu saía de bicicleta para não fazer nada com ele. Claro que eu não faria nada! Nunca teria coragem de levantar a mão pra ninguém. Eu resolvo com a conversa ou com o silêncio. (Tempo). Ele era chantagista. Certa vez eu estava gravando um documentário. E ele me ligava o tempo todo, pedindo para eu voltar logo, para fazer comida. Eu disse: - "Vou comprar comida pra gente". E ele respondeu: -



“Não quero comida de restaurante, só a sua comida”. Era um tipo de servidão. Refletindo sobre isso, hoje, eu fico até com vergonha. Eu estava tão amarrado a ele que não percebi o jogo. Parecia um feitiço! Eu sempre tinha um sinal vermelho aceso na cabeça em relação a ele. Pensava: – “Não compartilhe nenhuma senha com ele. Senha de banco, de perfil em redes sociais, de celular. Nada”. Eu tive que apagar um monte de gente da minha lista de telefone e do Facebook. Foi horrível! Horrível. O tempo passou e tivemos que mudar de casa, pois o aluguel estava caro. Fomos para uma casa num bairro bem distante. Era uma casa em esquema de vila. Uma casa bacana. Eu tinha um monte de livros. Eu estava estudando para concursos. E nós dois estávamos desempregados. Não tinha dinheiro para nada. E ele comprando coisas supérfluas, como doces, no supermercado. E queria sempre jantar fora. Eu é que pagava tudo, me virava para pagar. (Tempo) Na nova casa a coisa começou a pegar também. Ali ele começou a obsessão de fazer “ménage à trois”. – “Porque que a gente não chama alguém pra curtir?”. Eu não me sentia confortável para fazer isso com ele, ainda mais sabendo o quanto era ciumento. Vai que ele tinha um ataque enquanto estávamos... (Tempo) Eu não tinha problema com isso. Mas com ele eu tinha problema! Ele era louco para fazer “ménage” com o Eliseu, que era quase a minha irmã. – “Para, né! Eu nunca tive tesão no Eliseu, nenhuma vez. Ela é minha irmã!”. O meu ex sempre fazia questão de chamar o Eliseu lá para casa. Ele estava



tranquilo com os meninos do grupo. Às vezes eles dormiam lá em casa. Na realidade, ele estava com esquema, de olho nos meninos, querendo fazer suruba. E eu não sabia. Mas um dia ele me falou e eu fiquei encucado com aquilo. E ele me torrando a paciência, quase todo dia. Então, falei: – “Ué, quer saber, você tem o número dele. Então, manda mensagem para ele.”. – “Ai, não, amor...”. – “Eu não tenho vontade de ficar com ele... Você quer ficar com ele? Vai, fala com ele, então”. Não sei se ele entendeu que eu o estava liberando para ficar com outras pessoas, não era isso... Eu estou falando sobre o “ménage” porque isso será o estopim para um momento chave, super tenso que eu tive, que foi no dia do meu aniversário. Nessa época estávamos com pouco dinheiro... Eu devendo aluguel. Ele deu um jeito de pedir dinheiro emprestado para a tia dele para comprar algumas coisinhas para fazer uma festinha lá em casa e chamar os meninos. Nesse meio tempo, começamos a vender as coisas de casa para pagar contas: aparelho de DVD, por exemplo. E ele fumava muito, descontroladamente. E estava faltando dinheiro para o vício. Tivemos que começar a vender os livros também. (Inspirando fundo) E isso foi o pior para mim. Eram livros que eu havia comprado quando viajava. Tinham um valor sentimental para mim. E precisei vender muito barato, porque precisávamos do dinheiro rápido para comprar comida. R\$10,00 para comprar um quilo de carne. E da mais barata: linguiça, acém... Muitos amigos compraram meus livros para me



ajudar, pois sabiam que se me oferecessem dinheiro emprestado eu não aceitaria. (Tempo) Eu passei fome, porque não comia o suficiente. Era preciso contar as xícaras de arroz que fazíamos, de feijão... Era complicado. E eu fui de família que nunca faltou comida. Sempre comemos bem. Alimentos nutritivos. Foi uma época bem difícil! Foi horrível! Não gosto nem de me lembrar. (Tempo) Voltando ao dia do meu aniversário: ele me encheu para fazer uma festinha. E fizemos. A tia dele fez um bolo e foi lá para casa também. Nós tínhamos uma piscina... Uma piscininha de jardim. Nós a enchemos para curtirmos. E o meu ex comprou bebida. Na maioria das vezes que ele ficava agressivo, e de querer se matar, ele tava bêbado de vinho. Até então ele nunca havia me agredido fisicamente. A maioria das pessoas foram embora e o Eliseu ficou lá em casa.

NÊGO (espantado): Santa Bárbara! São Jorge! Que "bafão"!

CAIO FERNANDO (continuando a ignorar Nêgo): E fomos assistir filmes. E o meu ex começou a me apalpar, na frente do Eliseu. E ele fingindo que não estava vendo nada. O meu ex me disse baixinho: – "Ai, amor, chama o Eliseu pra ficar com a gente. Não vamos perder a oportunidade". E eu fiquei puto. Muito puto, muito puto, muito puto! Era o meu aniversário. – "Você está louco?", eu perguntei. E ele levantou com tudo, pegou o cigarro



dele e foi lá pra fora. E eu fui atrás dele e falei: – “Você tá doido? Poxa! Tava tão legal!”. E ele olhou para mim e balançou o ombro. Quando eu virei, só senti um... – “Toft!” E o meu rosto queimou. (Tempo) Ele me deu um tapa tão forte que o Eliseu escutou dentro de casa e saiu perguntando: – “Ei, tá tudo bem aí, Caio?”. Eu entrei em casa chorando, chorando, chorando. – “O quê que foi?”. – “O meu ex me bateu!”. E ele começou a me xingar lá de fora: – “Faz o seu showzinho aí dentro. Não é isso? Você não gosta de plateia e de se sentir a vítima?”. E eu disse: – “Você tá doido? Quem tá dando show é você! Vá tomar um banho e dormir”. – “Você está me chamando de doido. Vai ver quem é doido!”. Ele foi no armário e começou a pegar os alimentos e rasgou tudo. Jogou na parede a massa de tomate. Milho verde. Foi confeitando a casa. – “Para! Para!”. E o Eliseu: – “Para! É a comida de vocês. É feio fazer isso!”. – “Calem a boca, seus filhos da puta. Eu sei que vocês se pegam!”. E eu respondi: – “Você que é uma puta desgraçada e fica querendo fazer ménage e não respeita os meus amigos!”. Daí ele endoidou de vez: – “Vou te mostrar quem é a puta agora!”. E veio pra cima de mim e o Eliseu entrou na frente. E eu corri para o quarto e fechei a porta e a janela. Mas a janela não tinha grade e era baixa. E era de vidro. – “Abra essa porta que vou te mostrar quem é o doido, quem é a puta!”. E ele rodeou a casa e foi para a janela. – “Abra essa janela, porque senão vou quebrar!”. E eu só escutei o barulho: – “Traaaaaa”. Ele quebrou a janela com a mão. Eu



saí correndo. O Eliseu tinha fechado a casa por dentro, inclusive do quarto. E ele ficou batendo na porta: – “Abra essa porta, sua puta!”. – “Você está louco. Eu vou chamar a polícia”. Nisso, a dona do apartamento já tinha acordado. Já era mais de meia noite. (Tempo) Ele pegou a nossa bicicleta e jogou na piscina. E começou a jogar pedras no telhado. E furar o telhado. (Tempo) Após um tempo de conversa eu abri a porta, achando que ele tinha se acalmado. Ele tirou o ventilador da tomada e jogou em cima de mim. Começou a balançar a estante e derrubou a TV. Ele virou o sofá. Espalhou toda a roupa do quarto. Limpou o sangue no lençol da cama e na parede do banheiro. Então, ele foi pra cozinha e pegou uma faca. E eu já estava fora de casa gritando e chorando. E ele falou: – “Mas ainda não terminei!”. E ele saiu com a faca na mão. – “Você tá louco. Larga isso!” – “Você não é todo cheio de si? Da sua reputação? Eu vou acabar com a sua reputação de jornalista! De artista! Não é isso que você preza? A sua imagem? Eu vou acabar com ela hoje!”. E eu fui caminhando em direção ao portão. E a vizinha, dona do apartamento, estava escutando atrás do murinho dela. Eu passei por ela e falei baixinho: – “Liga pra polícia!” – “Pra polícia?” – “Ahan!!!” E ele falou: – “Com quem você está falando?”. – “Com ninguém!”. E eu fiz o sinal para ela entrar em casa. E o Eliseu estava um pouco afastado, logo atrás do meu ex. Este veio correndo atrás de mim. Corri pra fora do condomínio. (Tempo) A nossa rua era bem próxima da delegacia de Polícia Civil. Eu



pensei: – “Na pior das hipóteses eu corro para lá!”. Tinha uma neblina na rua. Não se via muita coisa. Parecia um filme de terror. E eu comecei a correr ainda mais. E ele: – “Para, Caio. Vamos conversar!”. – “Se você largar essa faca eu converso. Larga essa faca”. Então, eu parei de correr e comecei a andar devagar. De repente começamos a escutar o carro de polícia: “Blue, blue, blue!” E o que ele fez? Jogou a faca num matagal que tinha próximo. E os policiais desceram do carro. A dona da casa e o Eliseu já estavam próximos, junto com outras pessoas. Os policiais pararam e ouviram a explicação da dona da casa. E eu desci e mostrei: – “É ele aqui, oh! Bebeu demais, tá doido e saiu correndo com uma faca atrás de mim querendo me matar. Fora isso, me bateu em casa e fez um estrago, porque é louco!”. E eu falei isso numa frieza, que nem sei como consegui. Apesar do cansaço e do medo, eu tive uma clareza para contar tudo. E ele, com a mão sangrando, mudou completamente, e começou a chorar. E o policial perguntou: – “Cadê a faca? Ele não está com a faca.”. – “Ele jogou ali no matagal.” E os dois policiais entraram para procurar com a lanterna. E eu pensei: – “Pelo amor de deus, tomara que achem a faca!” Só que eu tinha testemunhas. Muita gente viu o ocorrido. E os policiais acharam a faca. E tinha sangue do meu ex! E a polícia levou o objeto, chamou a ambulância e o corpo de bombeiros. Enquanto isso, o meu ex começou a pedir desculpas para todo mundo, dizendo que estava fora de si e que tinha bebido demais. E ele virou para mim e



disse: – “Você me perdoa? Eu te amo demais! Vem comigo pro hospital.” – “Não, você vai sozinho! Nunca mais apareça aqui”. Os policiais colheram os depoimentos de todo mundo e fizeram a vistoria na casa. E o delegado me perguntou: – “Você quer dar queixa? Isso foi tentativa de homicídio”. E eu fiquei completamente pálido, pois ele iria preso. E essa história, com certeza iria parar na imprensa. Era um prato cheio para a imprensa!

NÊGO (revoltada): “Tô bege”! A senhora quase foi morta e estava preocupada com a sua reputação? Me poupe, né! “Fazendo a Kátia Cega”.

CAIO FERNANDO (nervoso): Fique quietinha aí em seu canto, por favor, e não me interrompa. (Continuando) Então, eu disse: – “Não, eu não quero prestar queixa!” Porque eu tinha uma imagem para zelar, entendeu? E eu não fui à delegacia. Depois, o delegado me ligou de novo para perguntar. E eu disse: – “Não.”

DIAMOND (rindo): Antes de me casar com o Flávio eu também passei por um episódio de violência doméstica. O caramunhão me bateu com um capacete e me ameaçou de morte. Disse que me mataria durante a minha defesa de TCC, do Curso de Enfermagem. Flávio entrou em contato com um amigo que, por sua vez, contactou seus amigos policiais. Então, parece que os “homi” deram um cala boca nele. (Gargalhadas) E o dito cujo desapareceu!



Eu só vi ele de novo uns dois anos depois, dançando como minhoca num bloco de carnaval. Ele era horroroso! Não sei onde estava com a cabeça pra ficar com um homem feio e possessivo daquele.

CAIO FERNANDO: Pois é. Eu demorei a cair na real. (Tempo) Continuando o meu caso... o Eliseu ainda estava lá em casa e ficou puto comigo e me perguntou: – “Você quer ir dormir lá em casa? Quer que eu pague um hotel pra você? Não pode ficar aqui, porque o seu ex vai ser solto e vai voltar pra cá.”. E eu acabei ficando em casa mesmo, e o meu ex não aparecia. O Eliseu disse: – “Se você continuar com ele, nunca mais virei em sua casa. Pra mim ele morreu!”. Então, ele foi embora. Depois de dez minutos apareceu o meu ex, de mototáxi, buzinando na frente de casa. Nós havíamos conversado por telefone. Ele disse que só ia buscar as coisas dele. Eu paguei o mototáxi e falei: – “Olha, fulano e sicrano estão acordados. Acho que agora você esfriou a cabeça”. E ele começou a chorar e a fazer todo um teatro, todo um drama. Me pediu desculpas e disse que eu poderia depor contra ele e tudo mais. – “Não, eu só quero que você pegue suas coisas e vá embora. Para mim chega, pois eu não tolero violência. Eu não vim de um lar violento. Meu pai nunca bateu em minha mãe. Se o seu pai já bateu em sua mãe, e você acha que tem que reproduzir essa violência doméstica, o problema é seu, não meu. Os meus pais nunca



brigaram, eles dialogavam. Iam para o quarto e conversavam". (Tempo) Por fim, ele acabou dormindo no quarto comigo.

NÊGO (revoltado): Valha-me, Oxalá, Olodumaré e Ogum! Quanta submissão. E eu que acreditava que a senhora era uma "bill" inteligente.

CAIO FERNANDO (engolindo seco e tentando se empoderar): Mas eu mostrei para ele que eu tinha uma faquinha embaixo do travesseiro. – "Se você tentar qualquer coisa eu vou te furar!" Lógico que eu não faria isso, nunca! E acabei guardando a faca na cozinha. (Tempo. Compassivo) Como todo caso de violência doméstica, no mês seguinte ele foi um amor. Arrumou o telhado, remendou a piscina, consertou a bicicleta e limpou a casa toda, de cima a baixo. E os vizinhos todos revoltados comigo. (Envergonhado) Era um amor de "neca", sei lá! Medo de ficar sozinho. Não sei! (Tempo) Hoje não sei nem o que falar. Eu criei uma personagem para viver com ele: um outro Caio Fernando. Era tudo ficção. Eu comecei a odiá-lo. – "Eu não acredito que passei tanto tempo com ele depois disso tudo!". Foi tudo uma simulação. (Tempo) Nesse período eu consegui um emprego numa emissora de televisão local, não na área de jornalismo, mas na de operação de TV. Eu trabalhava a noite. E a gente quase



não tinha mais contato. E consegui trabalhos como professor. E ele continuou na vida de não fazer nada dentro de casa. Foi aí que ele começou a me trair. Na verdade, já traía antes, eu descobri. Ele usava o meu computador para conversar com macho em bate-papo. Só descobri isso tempos depois. (Tempo) E ele acabou me batendo de novo: me deu socos na cabeça, no rosto, na boca. Minha boca rasgou toda por dentro. Eu comecei a cuspir sangue. Ele começou a chorar desesperadamente. E eu chorando também.... Cheguei perto dele e o sangue caiu em cima dele e ele começou a gritar: – “Meu deus, meu deus, o que eu fiz. Chama a polícia Eu tenho que ser preso!”. Então, ele se trançou no banheiro, jogou álcool no chão e pôs fogo, dizendo que se mataria. Eu fiquei muito chocado e chamei os vizinhos. Um deles arrombou a porta. Ele estava encolhido no canto. Ele queimou a mão e o pé. Mas não foi nada grave. E eu falei: – “Você disse que não faria isso nunca mais e fez pior!”. (Bobamente) Mas em março mudamos para uma casa nova. (Revolta generalizada dos colegas de cena) Eu entrei na parte jornalística da emissora, em 2015. Voltei pro jornalismo. Tava ganhando bem. Trabalhava à noite e tinha que cobrir jogos de futebol. E ele me enchia o saco. Eu precisava, sempre, fazer horas extras. Eu cobria tudo: assassinatos, jogos, violência doméstica, tudo. Jornalista do interior faz tudo. E ele com ciúmes exagerados. Ele tinha medo d’eu fazer o mesmo com ele, de traí-lo. Antes de entrar na TV, em junho, eu tinha feito um concurso



para uma instituição federal de educação. Fiquei em terceiro lugar e não tinha esperanças de entrar. Então, continuei a minha vida trabalhando, me dedicando à TV e às escolas. Eu fui escapando dele. (Tempo) A minha colega de redação percebeu minha boca toda machucada e me interrogou. Ela perguntou o que era. E eu não consegui mentir. E contei tudo. E ela contou à minha chefe. Então, as duas começaram a tramar um plano para eu ir embora. De sumir da vida dele. Elas viam que isso tudo ia terminar mal. (Refletindo) – “Ah, que bizarro! Em casa de ferreiro o espeto é de pau!”. E nesse caso, ninguém noticia, ainda mais em se tratando de relacionamento homossexual. – “Ah, os dois gays. O jornalista..”. Eu fiquei preso por conta de títulos, de aparência. – “Foda!”. (Tempo) Estávamos bem, felizes, de casa nova. E ele parou de pedir pra fazermos “ménage”. (À parte) Porque estava comendo fora! Se fartando enquanto eu trabalhava. E continuamos juntos.... (Irônico) Felizes.

NÊGO: Idiota, idiota. Como a senhora pode ser uma “maricona” tão tola assim? (Bele o consola).

CAIO FERNANDO (ignorando): Transávamos muito. (Risos) Mas sempre de camisinha. Mas o que eu queria? Ficar o máximo de tempo longe dele. Comecei a fazer Letras na UNIR. (Contraditório) Eu gostava dele. Mas não suportava o passado, pois não conseguia esquecer... perdoar. E o que aconteceu? Ele disse que sairia do



trabalho. – “E eu vou ter que bancar tudo de novo?” Ele fez de tudo pra ser demitido da loja que trabalhava. E foi o que aconteceu. Um tempo depois fui para um casamento com um amigo meu da TV. É claro que o meu ex tinha ciúmes dele. Eu disse ao meu amigo: – “Dia 14 de novembro vou terminar o meu relacionamento. Este é o último mês que ficarei com o fulano”. Eu tinha que pagar tudo em casa. Não estava dando mais conta. (Tempo) O meu ex ficou me ligando, enquanto eu estava no casamento. O meu amigo foi dormir lá em casa. E o meu ex brigou comigo. Resumindo: Um dia o meu ex apareceu com um chupão no pescoço. E eu falei: – “Isso tudo vai ter que acabar!”. Na última semana antes do término eu fiz de tudo para ser harmonioso. Estava ótimo, como no começo do relacionamento: filme, muito sexo... Foi o melhor sexo da nossa vida. No último dia eu preparei um super jantar pra ele, com tudo o que ele gostava. Ele chegou, tomou um banho, comemos e começamos a nos pegar. (Com ênfase, quase gozando) Foi o sexo! O melhor de todos. Então, depois de um outro banho, enquanto ele secava os cabelos, eu disse: – “Estou terminando com você e você tem três dias para sair da minha casa”. (Risos desesperados) E ele disse: – “Você está louco? O que está acontecendo?”. Respondi: – “Cansei. Não o amo mais. Estou cansado de traições. Não vou mais ser otário, nem motivo de chacota para as pessoas... (Tempo) Você vai sair e é isso! (Tempo) Ah, outra coisa: muita gente sabe que vamos terminar hoje. (Se empoderando) A polícia sabe. E vai passar aqui de tempos em tempos. Qualquer coisa que você fizer comigo vai preso. Eu não



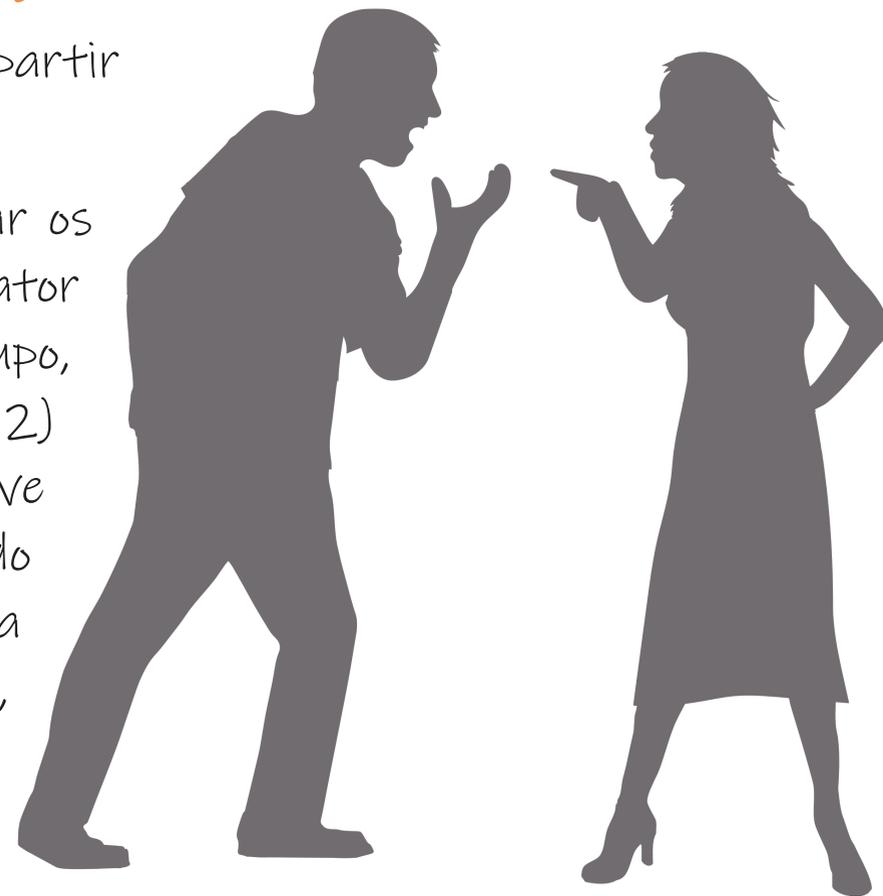
terei dó. Fique quieto! Cala a boca. Vou lhe dar três dias para ir embora. Chega! Para mim chega! Você é bonito agora, mas, daqui há um tempo, de tanto fumar, vai ser um monstro de feio. E vai ter só um pintão murcho para oferecer às fegues". (Tempo) – "E você, acha que alguém vai querer um cara arrogante desse jeito, aleijado ainda por cima?". Ah, eu fiquei puto: – "Você nunca falou isso durante o relacionamento, agora está querendo jogar baixo? Eu prefiro ficar sozinho. E garanto que serei feliz. Se o problema é eu ser aleijado, ter um braço maior que o outro... Você estava comigo por dó e por pena? Este é mais um motivo para eu nunca mais ver a sua cara". Ele não conseguiu passar mais nenhum dia comigo. (Sentindo-se vingado) Não fiz almoço. Não troquei nenhuma palavra com ele. Ele foi para a casa de um amante.. Quando fiquei sabendo de tudo, decidi me livrar dele. Foi um livramento. (Sentindo-se livre e feliz) Fizemos uma festa maravilhosa de final de ano com o pessoal do grupo de teatro. Uma festa de temática africana. Foi uma Virada de Ano perfeita! (Começa a dançar sob um ritmo africano e chama os colegas de cena para dançarem consigo) Dançamos a noite toda. A energia foi maravilhosa! Eu estava me sentindo leve. (Todos riem). Bebi e me diverti muito. Saí da festa às 3:00 h da tarde. E, em fevereiro, fui convocado para tomar posse na instituição para a qual prestei concurso, em Porto Velho. Eu fiquei muito feliz! Eu estou muito feliz... feliz... feliz. (Todos dançam dionisiacamente e choram de felicidade).



Cena VIII – Como elevar os conflitos entre as personagens?

(Sentados em semicírculo, o diretor explica aos atores uma nova cena, a partir de um jogo intitulado “Mais Verdades que Mentiras”).

FLÁVIO (abrindo a boca e fazendo caretas, numa tentativa de soltar os músculos faciais, que estão tensos): A proposta do jogo é a seguinte: um ator (personagem 1), no seu devido tempo, levanta-se, dirige-se ao centro do grupo, olha para o público e indica, verbalmente, um colega de cena (personagem 2) para levantar-se também. A partir desse momento, a personagem 1 deve enumerar três defeitos e uma “qualidade” da personagem 2, justificando sempre as suas escolhas. Deve-se começar pela “qualidade”. Porém, essa “qualidade”, sabemos, é uma mentira. Ou melhor, é uma verdade mentirosa, pois a personagem 1 está falseando a qualidade da personagem 2. Em seguida, a personagem 1 deve enumerar e justificar três defeitos da



personagem 2. O jogo só termina quando todas as personagens tenham ciência da sua “qualidade” e dos seus defeitos. O diretor também deve jogar. O objetivo é acentuar, literalmente, os conflitos entre as personagens. Isso aumentará o pico do gráfico de conflito dramático. Nesse sentido, entende-se por conflito o choque de querereres (interesses) das personagens. Exemplo: Romeu ama Julieta e vice-versa. Porém, as famílias Montecchio e Capuleto se odeiam. Então, o amor entre Romeu e Julieta é quase que impossível. A resolução dos conflitos emergentes dessa relação entre amor e ódio é trágica. Ambos os amantes morrem. Pra começar, eu peço que o Caio Fernando vá ao centro do semicírculo.

CAIO FERNANDO (Caminha ao centro. Para. Pergunta a Flávio): Aqui, diretor?

FLÁVIO: Exatamente.

CAIO FERNANDO: Que constrangedor esse jogo! (Tempo. Pensa por um momento) Eu escolho ao Nêgo (este se levanta arrogante e fica de frente a Caio Fernando). Começamos pela “qualidade”, que é uma característica que ele acredita ser um dos seus pontos fortes: “excelente” cantor. Nêgo é um “excelente” cantor. (Gargalhadas e aplausos dos colegas atores. O diretor não se manifesta).



NÊGO (fazendo "carão"): Han, sou mesmo!

FLÁVIO (estalando os dedos e interferindo): Ah, um detalhe importante que me esqueci: a personagem dois não pode se manifestar. Deve apenas ouvir e guardar suas emoções para si mesmo, aplicando-as em cena nos momentos adequados.

NÊGO: Ok, "bofe"!

CAIO FERNANDO (dando "close" e soltando veneno): Agora passemos aos defeitos. Mas, antes, gostaria de informar que não se trata de algo pessoal. Todos sabem das diferenças existentes entre mim e o Nêgo. Os três defeitos que enumerarei dizem respeito às questões profissionais que eu acredito que ele deve melhorar enquanto artista. A saber (longa pausa. Respirando): fofoqueiro, irresponsável e egoísta.

DIAMOND: Toma, danado! (Ri escandalosamente. Nêgo fecha a cara).

CAIO FERNANDO (justificando): É fácil justificar o fofoqueiro. Todos aqui presentes sabem do que estou falando. Ontem mesmo eu flagrei o Nêgo falando mal de mim para Belx. (Caio Fernando imita Nêgo): – "Nossa,



'mona', a senhorita viu o que o 'bilú' do Caio Fernando disse sobre o diretor para o Renato?" E "blá-blá-blá, blá-blá-blá"? Além de fofoqueiro, irresponsável e egoísta é mentiroso.

NÊGO (revoltado): Opa, mentiroso não, hein! Sua "poc" infeliz! (Parte pra cima de Caio Fernando, mas o diretor intervém antes de qualquer incidente).

FLÁVIO (colocando-se à frente de Nêgo): Opa, sem violência, por favor! Eu disse pra vocês guardarem as suas emoções e sentimentos para a personagem que estão desenvolvendo. Além do mais, falei também que a personagem 2 NÃO PODE (gritando e fazendo um movimento com o pescoço) se explicar.

NÊGO (saindo do espaço de jogo revoltado e escondendo-se nos bastidores): Vai se fudê, seu "mãozinha de tiranossauro rex"! (Neste instante, impera um silêncio obsequioso no ensaio. Caio Fernando se senta irritado).

FLÁVIO (continuando com o jogo e massageando os ombros, que doem de tanta tensão): Próximo, por favor. E lembrem-se: sem agressões físicas! (Tempo. Ninguém se oferece pra jogar) Ninguém? (Tempo) Terei que sortear? (Tempo) Então, tirarei na sorte (fazendo uma tramóia para a canção terminar em Renato):



Uni, duni, tê
Salamê mingûê
O sorvete colorê
Foi pra vô, cê!

RENATO (entrando no jogo dando gargalhadas): Já que não tem jeito... e já que a escolha foi “democrática”! (Olha para o público e diz o nome de alguém) Eu escolho a mais Belx de todas.

BELX (feliz): Belaxxx escolha, seu “ocó” delícia! (Faz seu gesto típico).

RENATO (sorrindo): Achar uma “qualidade” pra Belx não é difícil, porque ela é muito querida por todos nós. Agora, como se trata de um jogo, eu preciso seguir as regras. Vamos à “qualidade” e à justificativa (tempo. Falando decidido): “amplitude”. Cenicamente, Belx tem os “movimentos amplos e coordenados”. (Breve pausa embaraçosa. Em seguida, todos riem, menos Flávio e Belx, que vira as costas para Renato). Passemos às imperfeições (pensa por um tempinho): fugaz... relapsa... ingênuo. (Belx fica sem entender os dois primeiros termos). Fugaz



tem como sinônimos efêmero, breve, passageiro, tênue... Isso quer dizer que suas atitudes, enquanto atriz e pessoa, são inconsistentes e transitórias. Você muda rapidamente de decisão. Quanto a ser relapsa, significa que você é desleixada, descuidada e preguiçosa. Por isso os seus gestos, em cena, não têm amplitude. E a sua personagem está sempre incompleta. Vide seu figurino e sua maquiagem! (Belx olha, assustada, e começa a chorar baixinho). Por último, quando disse ingênua, é porque me preocupo com você, que acredita facilmente nas pessoas, principalmente quando está apaixonada. E isso pode colocá-la em constante risco. Como policial, é meu dever profissional alertar aos cidadãos e às cidadãs sobre os perigos que podem gerar violências físicas e psicológicas. Você é transexual. E eu homossexual. (Fala para todos os colegas) Somos fegues. Apesar de termos direito a andarmos livremente pelas ruas, vivemos em um país muito violento e extremamente homofóbico. E, nos últimos anos, estamos sobrevivendo a um período terrível no Brasil, onde os líderes políticos flertam com o fascismo e o nazismo. Ademais, há uma forte predominância do egoísmo e individualismo em detrimento da coletividade. (Suplicando) Então, por favor, Belx, não seja ingênua. Cuidado com os aplicativos de relacionamento e com as escolhas sexuais que você está fazendo. Nem todo mundo vale a pena... (Repetindo lentamente) Nem todo mundo vale a pena!



BELX (apesar de magoada, caminha até o colega): Você merece um beijo. (Dá um selinho e um abraço em Renato. Aproveita para tirar uma casquinha, esfregando-se em seu membro sexual).

FLÁVIO (roendo as unhas; decepcionado com o desfecho do jogo): Hum, não era muito bem esse resultado que eu estava esperando para esse jogo! Mas a conclusão foi, no mínimo, divertida. (Tempo olhando para Diamond) Diamond?

DIAMOND (entrando no espaço de jogo um pouco tímido e amedrontado, talvez prevendo, no seu subconsciente, o que poderá acontecer): Bom, a minha escolha é você, prínceso. (Flávio se levanta, um pouco aturdido e com os olhos arregalados. Ele, por motivos óbvios, não esperava jogar com o seu amado). Você é o meu amor. Todos aqui sabem. Estamos casados há cinco anos. Temos muitos momentos felizes e inesquecíveis juntos. Mas, não é fácil trabalhar e conviver ao mesmo tempo com quem se ama. Por vezes, os papéis se misturam.

FLÁVIO (alongando o peitoral, para frente e para trás, que também está rígido por causa da sua doença): Seja objetivo, Diamond, por gentileza. Vá direto ao ponto. Custe o que custar. Estou preparado.



DIAMOND (sendo direto, elencando a “qualidade”): Você é muito “fiel”, princeso! (Silêncio sepulcral. Essa “qualidade” cai como uma bomba dentro do grupo, pois, até então, pelo menos nas aparências, todos consideravam Flávio um profissional leal e um marido confiável). Justificando: você vive de aparências. Tenta passar para todos segurança, profissionalismo e confiabilidade. Mas não é bem assim. O que ocorre de fato é que sempre quer me anular, me ignorar profissionalmente, acreditando que eu sou cego e ingênuo... (Com raiva) Ingênuo, não! Burro.

FLÁVIO (nervoso; esquecendo as dores por um instante): Você está desvirtuando o jogo. E não sabe o que está falando!

DIAMOND (resoluto, chamando o marido pelo primeiro nome, o que é comum só quando estão brigando): Oxi, Flávio, tu também precisa seguir as regras e saber escutar. Agora é a minha vez de falar. Não tente me menosprezar.

RENATO (intervindo): Amigos, roupa suja se lava em casa!

DIAMOND (revoltado, usando mais o tu do que você): E tu não se meta, visse? Vai acabar sobrando pra tu. (Nêgo, em cena novamente, ri e bate palmas, porque adora ver pegar fogo no parquinho) Eu não sou burro e



enxergo muito bem. Sei o que está acontecendo aqui neste grupo. Nestes ensaios. Tu acha que não percebo as coisas. Que não vejo você se jogando em cima de alguns atores. Mais em cima de um, especificamente. (Olha para alguém).

FLÁVIO (girando os ombros, tentando relaxar. Fala pausadamente): Ca-la-a-sua-bo-ca!

DIAMOND (rindo irônico): Viu, tu tá fazendo de novo. Querendo me silenciar. Mas agora não, catatau! (Batendo no peito) Vai ter que me engolir. (Continua batendo no peito) Vai ter que saber o que sinto aqui dentro. Tu é um otário. Um verdadeiro imbecil. Um falso moralista. Um espertalhão e mentiroso. Me manda pra casa mais cedo, dizendo que precisa ensaiar em particular com algum fulano, mas, na verdade, o que está fazendo é me colocando um belo par de chifres. Eu não sou bode. Tu tá fodendo com outro atrás da rotunda. Entre as coxias. Nos camarins. Tu é um descarado, um sem vergonha. Um adúltero!

FLÁVIO (dissimulando e tentando abraçar Diamond): Calma, meu amor. Você está nervoso porque a estreia do espetáculo está chegando. E não está dando conta de desenvolver a sua personagem do jeito que eu pedi.

DIAMOND (empurrando Flávio): Não me toque, seu puto!



RENATO (intervindo): Opa, opa, opa! Sem agressão. (Ele e Diamond se abraçam como ursos e saem girando pelo espaço cênico).

NÊGO (aproveita a oportunidade e parte pra cima de Caio Fernando, puxando-o pelos cabelos): Vem aqui sua "maricona". (Os dois rolam pelo chão, gritando improperios).

(Belx e Flávio tentam apartar as brigas, mas acabam se envolvendo também. Ocorre, agora, uma verdadeira batalha das feques no palco. Percebem-se penas voando, saltos e batons espalhados por todos os lados. Até um pênis de borracha, de tamanho descomunal, é visto na cena. BO. Fim do sétimo Ato).



Último Dia de Ensaio

Ato X

Cena IX – Terror em família: parte final

FLÁVIO (no seu canto nelsorodriguiano, esfregando intensamente a região da lombar, dos rins, do peitoral e do pescoço): Entrei na capoeira pra aprender a me defender. Fazia apenas uma semana. (Esfrega-se) Eu era adolescente e, num domingo, estava jogando peteca com dois sobrinhos. O meu irmão Marildo assistia, sentado no parapeito do alpendre. Sempre ele a me vigiar. O meu corpo



doía por causa do ácido láctico dos primeiros dias intensos de treinamento. Peteca para um lado. Peteca para o outro. (Sente dor) De repente, o artefato parou na mão do meu irmão. – “Vem pegar, agora não sabe lutar? Não virou homem?”. Pedi com educação e delicadeza. Mas, com ódio, ele lançou a peteca em meu rosto descorado. (Tempo) Tentando me recuperar do susto inesperado, deparei-me com um pé em meu peito. Caí. (Sente dores) Ao me levantar, Marildo estava “gingando” descoordenadamente em minha frente. Parecia um robô. Eu comecei a rir. Uma mistura de nervoso, medo e deboche. (Tentando desvencilhar-se dos “golpes” do irmão) Tomei um soco na boca. Outro chute no peito. Um murro nas costelas. Uma dedada em um olho. Um tapão nos ouvidos... Desnortado, escutando um grande zunido, que me pareciam estranhas gargalhadas de crianças ao longe... ou um enxame de abelhas?... pela primeira vez tive a certeza do porquê eu tanto apanhar: eu era um gordo delicado, feliz, afeminado. Nesse momento fiz uma grande descoberta: eu era uma fegue! E me empoderei... Nunca mais! Me tornei uma FERA.



iFegues!

Cena X – Contemporary dance

DIAMOND (conversando com os colegas, sentados em círculo): Gente, estou preocupado, pois o nosso texto está muito longo, com muitas palavras. Com muitas... Oxe, como é mesmo que se diz? (Tempo. Lembrando-se) Verborrágico. Então, o espetáculo vai ficar muito grande e com um monte de falas. Vai durar uma eternidade. Pra dar uma quebrada nas histórias, temos que criar mais ações e cortar alguns diálogos. Ninguém vai aguentar isso não!

FLÁVIO (carinhoso e com medo): E o que você sugere, meu amor?

DIAMOND: Podemos fazer uma cena com dança contemporânea. Que tal?

CAIO FERNANDO (com frescura): Eu não quero participar, pois não sou muito fã de expressar-me com movimentos contemporâneos. Eu sou mais clássico (Tempo) Além do mais, tenho verdadeira ojeriza a poeira. Não quero sujar a minha bela indumentária.



BELX: Já euzinha, adoooooro! (Faz alguns movimentos estranhos e engraçados).

NÊGO: Tô dentro, “mona”! (Vai até Belx e a cumprimenta eufórica. Começa a compor uma coreografia em plano baixo).

RENATO (para Diamond): Vem comigo. (Os dois começam uma sequência de contato improvisação).

CAIO FERNANDO (empurra Flávio pro jogo): Deixa comigo que eu dirijo.

(Os atores e o diretor começam a movimentar-se pelo espaço de jogo de uma forma muito estranha e engraçada. Aos poucos, a partir dos direcionamentos de Caio Fernando, a coreografia vai sendo organizada e torna-se orgânica e precisa. Surge uma sequência de movimentos fortemente plástica e política).

NÊGO (ao final da coreografia): “Parô tudo”! “Lacramos” (Senta-se no chão. Em seguida, uma por uma, as outras personagens se sentam também e formam um semicírculo no piso. Caio Fernando se junta ao grupo. As fegues, de mãos dadas, olham para o futuro e manifestam seus desejos. Começa a cena final do espetáculo).



Cena XI – Eu posso ser o que quiser. Ou o desejo de um futuro de equidade

FLÁVIO (sereno): Já se passaram mais de cem dias de ensaios. E muitos anos das nossas vidas (Tempo) E estamos aqui, agora, completamente presentes nesse espaço, olhando o futuro. Eu quero, como no passado, lá na minha cidade natal, no interior de Minas Gerais, voltar à simplicidade... Sentir um cheirinho gostoso de terra molhada após um dia de chuva. Ouvir as galinhas fazendo cocoricó, repousando-se nos poleiros ao entardecer, e o meu falecido pai tocando o seu violão, ritmando os dois únicos acordes que conhecia: pra cima e pra baixo. (Canta): lá lá lá lá. Lá lá lá lá. Lá lá lá lá. Estou vendo minha mãe no fogão, fazendo tutu com



torresmo e angu pra alimentar os seus nove filhos. (Pausa) Tempos difíceis, por causa da pobreza, mas humanos e verdadeiros. Eu era gente... Simplesmente, gente. (Tempo) Como podemos ser mais benevolentes? É possível tornar as pessoas mais compassivas e justas?

RENATO: Belx, se você visse um cometa rasgando o céu e pudesse fazer um pedido para o amanhã, qual seria?

BELX: Só um? Nós fegues necessitamos de tantas coisas. (Pensa por um breve período de tempo) Quero ser amada e respeitada. Casar de véu e grinalda. Ter lua de mel, sem nenhum gosto amargo de fel. Ser transportada escada acima rumo à felicidade. Anseio por dignidade, igualdade e reparação... Precisamos de retratação... por tudo que passamos e do tempo que perdemos sendo o que impunham a nós. (Tempo) Eu quero ser venerada, como uma Afrodite, ter um deus que me ame incondicional e plenamente. Luto pra não ser apenas um objeto sexual, um recheio de sentimento envolto em roupa de plástico descartável.

NÊGO: Eu quero romper com os grilhões da história, "mona". Tornar-me uma rainha errante e correr por aí a galopes livres e largos. Poder ser quem eu sou e o que eu quiser ser, sem levar porrada na cara. Sem ser fatiada nos becros escuros e frios e jogada como indigente nos porões da solidão. Não quero mais ser sentenciada pela cor



da minha pele. Competência e caráter não têm nada a ver com isso. Sou feliz pelos trajes que visto, pelo meu pajubá e pela minha herança genética e cultural. Eu desejo cantar ferozmente, como uma leoa. (Ruge de forma grave e prolongada) Grrrrrrrrrrrrrr!

CAIO FERNANDO: Eu desejo uma constelação de encontros... (Com ênfase) Reais e carnais. Abaixo ao Grindr, ao Scruff e ao Tinder. Eu quero olho no olho, dente no dente. Dedo no livro. Sem essa de Apolo. Eu sou Dioniso. Sem corpo padrão, fotos manipuladas e pênis aumentados. A minha índole não é medida em centímetros, muito menos em polegadas. Não quero um conto de fadas, mas um romance de Almodóvar.

RENATO: Sonho com um mundo mais justo e de arco-íris para todxs. Desejo instituições e repartições públicas mais afetivas e menos homofóbicas. Que a arte possa nos tirar do obscurantismo medieval... fazer girar a chave do pensamento, ajustando as estações dos partidos políticos. Clamo por menos dualismo e mais dialogismo em prol da coletividade. Aspiro por mais políticas públicas que nos garantam um futuro de equidade, para que possamos ir e vir sem medo de acabar, e para que possamos trocar afetos em público sem recebermos flechas de olhares sangrentos de ódio.



DIAMOND: Como sempre eu fiquei por último. (Tempo) Entretanto, eu quero ser o primeiro: o primeiro na fila da atenção; o primeiro presidente da nação... assumidamente baitola. Quero ser o primeiro no ônibus para a felicidade; o primeiro no avião do país das maravilhas. Estou cansado de ser o final. De ser o resto. De ser o lixo. De ser a gentalha. A escória. A vergonha. A desgraça. A abominação. Quero pegar o elevador para o primeiro lugar. Subir como príncipe o primeiro degrau. Estar na dianteira sempre. Estou cansado dos rótulos. Atenção, mundo: precisamos de um troféu pela nossa existência! Uma medalha de ouro por cada dificuldade superada. Uma coroa de louros por toda violência sofrida. Mães, pais e irmãos: não há nada de errado em ser fegue. Eu sou um homem digno!

Ocorre, agora, uma grande comunhão: todos os atores cantando juntos a canção "Ieieeeee", uma paródia de Wool!, do Pato Fu. O público é convidado a participar da festa.



Crie algo lógico, mas crie agora

Ieieeeee

Invente o que é raro e sem demora

Ieieeeee

Faça sua dor ir embora

Ieieeeee

Abra esse armário e vem pra fora

Ieieeeee

Quando o mundo perde o equilíbrio

Nós paramos de respirar

A desordem pode ser branda

E a corrupção pode matar....ah.....

Faça sua dor ir embora

Ieieeeee

Abra esse armário e vem pra fora

Ieieeeee

Sinta como é bom mude seu enredo

Ieieeeee

Revele o seu mais íntimo enquanto é cedo

Ieieeeee

Quando o mundo perde o equilíbrio

Nós paramos de respirar

A desordem pode ser branda

E a corrupção pode matar....ah.....



Anexo

Termos pajubás usados neste texto e que também poderão ser usados em futuras montagens

Ajeum = Comida

Aloka = Expressão para final de frases bem humoradas

Alice = Quando a pessoa vive no mundo da Lua;

Amapô = Mulher

Aqué = Dinheiro

Aquendar = Chamar para prestar a atenção; fazer alguma função; olhar; paquerar; gíria usada para sexo

Arrasou = Modo de se expressar quando um ato é bem sucedido

Atacada = Louca; Nervosa

Atender = ficar com alguém, transar

Babado ou bafo = Podem ser várias coisas, entre elas: discussão, conversa e fofoca

Bafão = Confusão

Bagaceira = Algo de baixo nível

Barbie = Homem homossexual malhado e afeminado

Bee ou bill (pronuncia-se Bi) = Gíria para amigo gay

Bicha-bofe = Homossexual não efeminado

Bilú = Homossexual metido a rico



Bofe = Homem heterossexual; homem bonito
Bolacha = Homossexual feminino
Carão = Fazer pose; Debochar
Caminhoneira = Mulher homossexual masculinizada
Close = Pessoa metida
Colar velcro = Ato sexual entre duas mulheres
Dar a Elza = Roubar
Demônio = Pessoa muito feia
Desaquenda = Vai para lá, desaparece
Desaquendar = Deixar o lugar
Destruidora = Gíria para dizer que a pessoa arrasa muito
Edi = ânus
Equê = Mentira

Fazer a Kátia Cega = Desentendida ou aquela que nunca viu nada
Ferver = Dançar até não aguentar mais
Gongar = Falar mal
Hino = É a mesma coisa que "demais", "incrível"
Irene = Velho
Jogar o picumã = Jogar o cabelo com a intenção de ignorar alguém
Lacrou = Modo de dizer que você arrasou
Ligar o pisca-alerta = Voltar a si; Acordar
Mala = órgão genital masculino
Maricona = Homem homossexual com mais de 50 anos
Mona = mulher ou homem homossexual afeminado



Naja = Fofoqueiro(a)
Neca = Órgão genital masculino
O berro que eu dei = Resposta para algo engraçado/animado
Océ = Homem
Odara = pênis e bunda grande
Ojo = Olhar
Otim = Bebida
PAM = Sigla para Passiva Até a Morte
Parô tudo = Expressão de admiração sobre algo que seja bonito ou um ato corajoso
Picumã = Peruca, cabelo
Pegação = Sexo sem compromisso
Pisar = Modo de dizer que você arrasou

Poc = Gíria para gays
Passada = Chocado
Querida = Modo debochado de se referir às pessoas
Recalque = Inveja
Sextou = Forma de dizer que o final de semana chegou
Tá meu bem = expressão de admiração
Tô passada = Expressão de surpresa
Trabalhada = Modo de dizer que a pessoa está bonita
Tiro = Algo muito impactante
Tombado = Impactado
Uó = Algo ruim, desinteressante
Vitaminado = Bonito



Lei
Aldir
Blanc

DE EMERGÊNCIA CULTURAL



SEJUCEL

Superintendência Estadual da
Juventude, Cultura, Esporte e Lazer



Governo do Estado de
RONDÔNIA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

fegues

Luciano Oliveira



EDITORA
SCIENZA